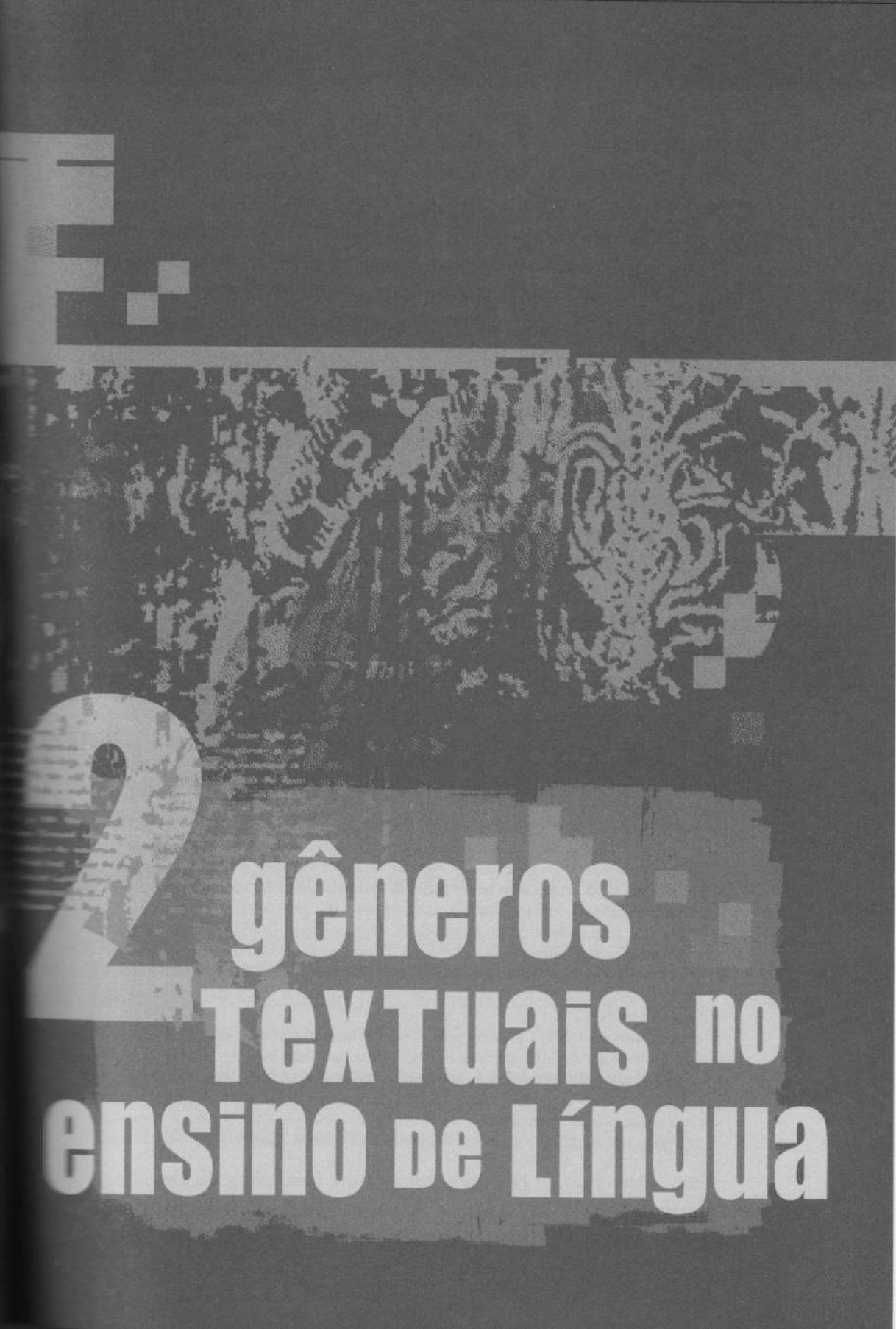




Luiz Antônio Marcuschi

**PRODUÇÃO TEXTUAL,
ANÁLISE DE GÊNEROS
E COMPREENSÃO**

π
parábola



2 gêneros **TEXTUAIS** no **ensino de Língua**

Nota prévia



de impressionar a quantidade de livros, coletâneas, números temáticos de revistas e teses que surgiram nesses últimos anos em torno da questão dos gêneros textuais e seu 'ensino' no Brasil. Podemos afirmar que estamos presenciando uma espécie de 'explosão' de estudos na área, a ponto de essa vertente de trabalho ter-se tornado uma moda. A qualidade dos trabalhos é muito variada e não se pode esquecer que muita coisa publicada é de grande valiosidade, mas boa parte é repetitiva e pouco proveitosa. Não é possível fazer justiça a essa produção em uma abordagem tão breve como esta. Mas é conveniente saber de sua existência. Da produção mais recente, resalto pelo menos estas obras cuja leitura poderá ser de grande proveito. Outros trabalhos recentes podem ser vistos na bibliografia anexa no final.

- BAZERMAN, Charles (2005). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez. (Esta obra tem um alto potencial aplicativo. Trata os aspectos funcionais e históricos dos gêneros. O primeiro capítulo é essencial para se ter uma noção clara da posição do autor quanto à noção de gênero, sistema de gêneros e conjunto de gêneros na sociedade.)
- CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes e NASCIMENTO, Elvira Lopes (orgs.) (2004). *Gêneros textuais: teoria e prática I*. Londrina: Fundação Araucária. (Esta coletânea de trabalhos é fruto de outro congresso de gêneros e tem trabalhos voltados para o problema do ensino.)
- CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes e NASCIMENTO, Elvira Lopes (orgs.) (2005). *Gêneros textuais: teoria e prática II*. Palmas e União da Vitória: Kaygangue. (Esta coletânea é a segunda produzida a partir do congresso de gêneros em União da Vitória - PR e tem uma seção especial sobre temas voltados para o ensino.)
- KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.) (2006). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. (Esta coletânea é produto das conferências de um congresso sobre gêneros em União da Vitória - PR e contém estudos importantes para se ter uma idéia do que vem sendo debatido neste momento em termos de gêneros textuais entre nós.)
- MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée (orgs.) (2005). *Gêneros – teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial. (Temos aqui a mais recente obra sobre gêneros com uma proveitosa revisão das teorias hoje em voga. É aconselhável para quem quiser aprofundar os aspectos teóricos de maneira mais ampla. Os textos aprofundam as teorias e não são simples.)
- ZANOTTO, Normelio (2005). *E-mail e carta comercial: estudo contrastivo de gênero textual*. Rio de Janeiro e Caxias do Sul: Lucerna e EDUCS. (Este trabalho é fruto de uma tese de doutorado e tem uma proveitosa introdução aos estudos lingüísticos no início, bem como uma análise bastante clara do funcionamento dos gêneros textuais, particularmente as cartas comerciais e os e-mails, que são comparados com muitos exemplos analisados. A obra é aconselhável a quem quiser trabalhar o problema dos gêneros nesses dois casos.)

Com estas obras, já podemos formar uma idéia clara de algumas posições recentes. Trata-se de uma série de novas fontes de leitura, informação e formação, bem como alternativas de trabalho. Ao longo do curso, deveremos

voltar a esses estudos e seria aconselhável sua leitura até para um aprofundamento na questão, tendo em vista que hoje o ensino de língua anda bastante centrado em gêneros e isso não é tão simples nem pode ser realizado de modo ingênuo. A coletânea organizada por Meurer; Bonini & Motta-Roth (2005) contém uma série de estudos cuja leitura pode dar uma idéia bem mais clara da diversidade de teorias existentes hoje nos diversos países. Sua leitura será aqui aconselhada de modo enfático porque pode conduzir a um aprofundamento dos temas centrais tratados.

2.1. O estudo dos gêneros não é novo, mas está na moda

O estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão. O que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema. Seria gritante ingenuidade histórica imaginar que foi nos últimos decênios do século XX que se descobriu e iniciou o estudo dos gêneros textuais. Portanto, uma dificuldade natural no tratamento desse tema acha-se na abundância e diversidade das fontes e perspectivas de análise. Não é possível realizar aqui um levantamento sequer das perspectivas teóricas atuais.

A expressão “*gênero*” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos (gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX. Atualmente, a noção de *gênero* já não mais se vincula apenas à literatura, como lembra Swales (1990: 33), ao dizer que “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”. É assim que se usa a noção de gênero textual em etnografia, sociologia, antropologia, retórica e na lingüística. É nesta última que nos interessa analisar a noção de gênero.

É com Aristóteles que surge uma teoria mais sistemática sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso. No cap. 3 da *Retórica* [1358a], Aristóteles diz que há três elementos compondo o discurso:

- (a) aquele que fala;
- (b) aquilo sobre o que se fala e
- (c) aquele a quem se fala.

Num discurso existem, segundo Aristóteles, três tipos de *ouvinte* que operam:

- (i) como espectador que olha o presente;
- (ii) como assembléia que olha o futuro;
- (iii) como juiz que julga sobre coisas passadas.

E a esses três tipos de julgamento Aristóteles associa três gêneros de discurso retórico:

- (i) *discurso deliberativo*;
- (ii) *discurso judiciário*;
- (iii) *discurso demonstrativo (epidítico)*.

Do ponto de vista funcional, o *discurso deliberativo* servia para aconselhar/desaconselhar, e voltava-se para o futuro por ser exortativo por natureza; já o *discurso judiciário* tem a função de acusar ou defender e reflete-se sobre o passado, enquanto o *discurso demonstrativo* tem caráter epidítico, ou seja, de elogio ou censura, situando-se na ação presente. Em Aristóteles, tem-se uma construção teórica associando formas, funções e tempo, que se vê no esquema de Reboul (1998).

OS TRÊS GÊNEROS DO DISCURSO SEGUNDO ARISTÓTELES

Gênero	Auditório	Tempo	Ato	Valores	Argumento-tipo
Judiciário	Juízes	Passado (fatos a julgar)	Acusar; defender	Justo; injusto	Entimema (dedutivo)
Deliberativo	Assembléia	Futuro	Aconselhar desaconselhar	Útil; nocivo	Exemplo (indutivo)
Epidítico	Espectador	Presente	Louvar; censurar	Nobre; vil	Amplificação

Fonte: Olivier Reboul, 1998: 47.

A visão de Aristóteles sobre as estratégias e as estruturas dos gêneros foi desenvolvida amplamente na Idade Média. Tornou-se inclusive a ênfase pela qual a retórica se desenvolveu e propiciou a tradição estrutural. Aristóteles distinguiu entre a *epopéia*, a *tragédia*, a *comédia*, cujos tratados foram conservados e ainda a *aulética*, o *ditrambo* e a *citarística*, cujas análises perderam-se.

Hoje o estudo dos gêneros textuais está na moda, mas em perspectiva diferente da aristotélica. É o que Bhatia (1997) constata em sua revisão sobre o tema. Assim, a expressão “*gênero*” vem sendo atualmente usada de maneira cada vez mais freqüente e em número cada vez maior de áreas de investigação. Para Candlin, citado por Bhatia (1977: 629), trata-se de “*um conceito que achou o seu tempo*”. E muitos estudiosos de áreas diversas estão se interessando cada vez mais por ele, tais como:

Teóricos da literatura, retóricos, sociólogos, cientistas da cognição, tradutores, linguistas da computação, analistas do discurso, especialistas no Ensino de Inglês para Fins Específicos e professores de língua.

Isso está tornando o estudo de gêneros textuais um empreendimento cada vez mais multidisciplinar. Assim, a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. E se adotarmos a posição de Carolyn Miller (1984), podemos dizer que os gêneros são uma “*forma de ação social*”. Eles são um “*artefato cultural*” importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade. Neste sentido, há muito a discutir e tentar distinguir as idéias de que gênero é:

uma categoria cultural
 um esquema cognitivo
 uma forma de ação social
 uma estrutura textual
 uma forma de organização social
 uma ação retórica

Certamente, gênero pode ser isso tudo ao mesmo tempo, já que, em certo sentido, cada um desses indicadores pode ser tido como um aspecto da observação. Isso dá a noção mais aproximada da complexidade da questão e o porquê da ausência de trabalhos sistemáticos que até recentemente dessem conta do problema na perspectiva didática.

2.2 O estudo dos gêneros mostra o funcionamento da sociedade

TAREFA PARA O ESTUDO DOS GÊNEROS: para introduzir este capítulo, sugiro a leitura do texto de Charles Bazerman (2005: 19-46), intitulado “Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas”¹. Aqui se pode observar os mais diversos aspectos relativos aos gêneros em

1. O texto encontra-se em Charles Bazerman (2005). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Organização: Ângela Paiva Dionísio & Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez.

seu funcionamento e a noção de *fato social*, bem como outros conceitos básicos para o tratamento dos gêneros. Um fato social é aquilo em que as pessoas acreditam e passam a tomar como se fosse verdade, agindo de acordo com essa crença. Muitos fatos sociais são realidades constituídas tão-somente pelo discurso situado. Daí a importância de se trabalhar esse aspecto central.

Para Bhatia (1997: 629), os gêneros permitem o tratamento da intrigante e difícil questão que indaga:

Por que os membros de comunidades discursivas específicas usam a língua da maneira como o fazem?

Por exemplo, por que todos os que escrevem uma *monografia de final de curso* fazem mais ou menos a mesma coisa? E assim também ao pronunciarmos uma *conferência*, darmos uma *aula expositiva*, escrevermos uma *tese de doutorado*, fazermos um *resumo*, uma *resenha*, produzimos textos similares na estrutura, e eles circulam em ambientes recorrentes e próprios. Isso ocorre também numa empresa com os *memorandos*, os *pedidos de venda*, as *promissórias*, os *contratos* e assim por diante. Vai ocorrer na esfera jurídica, na esfera jornalística, religiosa e em todos os demais domínios.

Na resposta a esta indagação estão envolvidas questões mais do que apenas socioculturais e cognitivas, como observa Bhatia (1997: 629), pois há aí ações de ordem comunicativa com estratégias convencionais para atingir determinados objetivos. Por exemplo, uma *monografia* é produzida para obter uma nota, uma *publicidade* serve para promover a venda de um produto, uma *receita culinária* orienta na confecção de uma comida etc., pois cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação. Aliás, esse será um aspecto bastante interessante, pois todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma. Daí falharem os estudos estritamente formais ou estruturais do gênero. Tendo isto em vista, Bhatia (1997: 629) frisa:

Esse aspecto tático da construção do gênero, sua interpretação e uso é provavelmente um dos fatores mais relevantes para dar conta de sua popularidade atual no campo dos estudos do discurso e da comunicação.

E como ocorre com todos os conceitos ou áreas que se tornam populares, proliferam e variam neles as teorias e as interpretações, o que acaba se transformando num inconveniente para o estudo. A variação dos entendimentos existentes é um problema que ocorre hoje nos estudos de gêneros que recebem todo tipo de contribuição teórica.

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social (Miller, 1984) corporificadas na linguagem, somos levados a ver os gêneros como *entidades dinâmicas*, cujos limites e demarcação se tornam fluidos.

Diante desse interesse, pode-se dizer que ao tamanho das preocupações também corresponde uma tamanha profusão de terminologias, teorias e posições a respeito da questão. Em princípio, isso seria muito bom se não fosse desnorteante. É quase impossível hoje dominar com satisfatoriedade a quantidade de sugestões para o tratamento dos gêneros textuais.

Muitas são as perspectivas teóricas nos estudos dos gêneros. Podemos aqui, brevemente, indicar pelo menos algumas dessas linhas sem nos determos muito. Vou somente situar os autores e nada mais. O quadro a seguir dá essa visão que pode ser tida como uma “*tipologia de tipologias*”². Dominique Maingueneau (2004: 107-108) lembra que há uma profusão de tipologias e elas seguem em geral certos critérios que dão uma orientação básica³. O problema é que essas tipologias não servem para entender o funcionamento dos gêneros e sim para entender o que os autores estão fazendo para agrupar os gêneros. Um esforço que nem sempre dá certo. Para Maingueneau (2004: 108), o costume mais comum na análise do discurso é categorizar os gêneros por critérios situacionais, observando-se os dispositivos comunicativos sócio-historicamente definidos.

2. Essa análise encontra-se em Bernard Schneuwly (1986). *Quelle typologie de textes pour l'enseignement? Une typologie de typologies*. Texto apresentado ao Terceiro Colóquio Internacional de Didática do Francês, Namur, França.

3. Refiro-me aqui ao trabalho de Dominique Maingueneau (2004). *Retour sur une catégorie: le genre*. In: Jean-Michel Adam; Jean-Blaise Grize & Magid Ali Bouacha (orgs.). *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Dijon: Editions Universitaires de Dijon, pp. 107-118. O autor cita as seguintes tipologias desenvolvidas (p. 108):

- (1) Os textos foram categorizados com base em critérios *lingüísticos*: enunciação; distribuição estatística de marcas lingüísticas; organização textual;
- (2) A classificação pode ser feita também com critérios *funcionais*;
- (3) As tipologias mais complexas fundam-se em critérios *situacionais*: o tipo de atores sociais, as circunstâncias da comunicação, os papéis, sociais, o canal utilizado, a temática;
- (4) Também podemos falar em tipologias *discursivas*: combinam características lingüísticas, funcionais e situacionais. Aqui tem-se categorias mais amplas, tais como “discurso de vulgarização”, “discurso jornalístico” etc.

2.3 Algumas perspectivas para o estudo dos gêneros

O estudo dos gêneros textuais é muito antigo e achava-se concentrado na literatura. Como vimos, ele surgiu com Platão e Aristóteles, tendo origem em Platão a tradição poética e em Aristóteles a tradição retórica. Agora sai dessas fronteiras e vem para a lingüística de maneira geral, mas em particular nas perspectivas discursivas. Vejamos primeiro como se acham essas correntes hoje no Brasil, onde temos várias tendências no tratamento dos gêneros textuais:

- 1) Uma linha bakhtiniana alimentada pela perspectiva de orientação vygotskyana socioconstrutivista da Escola de Genebra representada por Schneuwly/Dolz e pelo interacionismo sociodiscursivo de Bronckart. Essa linha de caráter essencialmente aplicativo ao ensino de língua materna é desenvolvida particularmente na PUC/SP.
- 2) Perspectiva “swalesiana”, na linha da escola norte-americana mais formal e influenciada pelos estudos de gêneros de John Swales (1990) tal como se observa nos estudos da UFC, UFSC, UFSM e outros pólos.
- 3) Uma linha marcada pela perspectiva sistêmico-funcional é a Escola Australiana de Sydney, alimentada pela teoria sistêmico-funcionalista de Halliday com interesses na análise lingüística dos gêneros e influente na UFSC.
- 4) Uma quarta perspectiva menos marcada por essas linhas e mais geral, com influências de Bakhtin, Adam, Bronckart e também os norte-americanos como Charles Bazerman, Carolyn Miller e outros ingleses e australianos como Günther Kress e Norman Fairclough, é a que se vem desenvolvendo na UFPE e UFPA.

De maneira geral, o que se tem notado no Brasil foi uma enorme proliferação de trabalhos, inicialmente na linha de Swales e depois da Escola de Genebra com influências de Bakhtin e hoje com a influência de norte-americanos e da análise do discurso crítica. Como Bakhtin é um autor que apenas fornece subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas, pode ser assimilado por todos de forma bastante proveitosa. Bakhtin representa uma espécie de bom-senso teórico em relação à concepção de linguagem.

Ao lado dessas perspectivas em curso no Brasil, podemos, de um modo mais amplo, indicar algumas perspectivas teóricas em curso internacionalmente:

- (a) perspectiva sócio-histórica e dialógica (Bakhtin);
- (b) perspectiva comunicativa (Steger, Gülich, Bergmann, Berkenkotter);
- (c) perspectiva sistêmico-funcional (Halliday): análise da relação texto e

contexto, estrutura esquemática do texto em estágios, relação situacional e cultural e gênero como realização do registro (Hasan, Martin, Eggins, Ventola, Hoey, Dudley-Evans);

- (d) perspectiva sociorretórica de caráter etnográfico voltada para o ensino de segunda língua (Swales, Bhatia): basicamente, analisam e identificam estágios [movimentos e passos] na estrutura do gênero. Persiste um caráter prescritivo nessa posição teórica. Há também preocupação com o aspecto socioinstitucional dos gêneros. Vinculação particular com gêneros do domínio acadêmico e forte vinculação institucional. Maior preocupação com a escrita do que com a oralidade. Há uma visão nitidamente marcada pela perspectiva etnográfica com os conceitos de comunidade, propósito de atores sociais;
- (e) perspectiva interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para língua materna [(Bronckart, Dolz, Schneuwly): com vinculação psicológica (influências de Bakhtin e Vygotsky) estão preocupados em particular com o ensino dos gêneros na língua materna. Preocupação maior com o ensino fundamental e tanto com a oralidade como a escrita. A perspectiva geral é de caráter psicolinguístico ligado ao sociointeracionismo;
- (f) perspectiva da análise crítica (N. Fairclough; G. Kress), para a qual o discurso é uma prática social e o gênero é uma maneira socialmente ratificada de usar a língua com um tipo particular de atividade social;
- (g) perspectiva sociorretórica/sócio-histórica e cultural (C. Miller, Bazerman, Freedman): escola americana influenciada por Bakhtin, mas em especial pelos antropólogos, sociólogos e etnógrafos, preocupa-se com a organização social e as relações de poder que os gêneros encapsulam. Tem uma visão histórica dos gêneros e os toma como altamente vinculados com as instituições que os produzem. A atenção não se volta para o ensino e sim para a compreensão do funcionamento social e histórico, bem como sua relação com o poder.

Fique, no entanto, claro que esses enquadres são precários, tendo em vista o fato de não representarem de modo completo todas as possibilidades teóricas existentes no momento. Também não é uma classificação rígida, mas aberta e sujeita a discussão. Por fim, seria interessante fazer essa classificação com base em critérios mais finos e teoricamente mais detalhados, o que aqui é totalmente impossível.

2.4 Noção de gênero textual, tipo textual e domínio discursivo

Uma das teses centrais a ser defendida e adotada aqui é a de que é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Daí a centralidade da noção de *gênero textual*⁴ no trato sociointerativo da produção lingüística. Em conseqüência, estamos submetidos a tal variedade de gêneros textuais, a ponto de sua identificação parecer difusa e aberta, sendo eles inúmeros, tal como lembra muito bem Bakhtin (1979), mas não infinitos.

Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar lingüisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. Esta idéia foi defendida de maneira similar também por Carolyn Miller (1984). Como afirmou Bronckart (1999: 103), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que permite dizer que os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual.

Para deixar alguns conceitos claros nesta exposição, trazemos umas poucas definições com as quais depois vamos trabalhar para observar a possibilidade de traduzir isso para o ensino. Vejamos de maneira mais sistemática como devemos entender os termos que estamos usando, já que eles raramente são definidos de modo explícito.

- a. Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma seqüência subjacente aos textos} definida pela natureza lingüística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como seqüências lingüísticas (seqüências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração*, *argumentação*,

4. Não vamos discutir aqui se é mais pertinente a expressão “*gênero textual*” ou a expressão “*gênero discursivo*” ou “*gênero do discurso*”. Vamos adotar a posição de que todas essas expressões podem ser usadas intercambiavelmente, salvo naqueles momentos em que se pretende, de modo explícito e claro, identificar algum fenômeno específico.

exposição, descrição, injunção. O conjunto de categorias para designar *tipos textuais* é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto *argumentativo* ou *narrativo* ou *expositivo* ou *descritivo* ou *injuntivo*.

- b. Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.
- c. Domínio discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica *instâncias discursivas* (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.). Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder.

Para defender essas posições, admitimos, com Bakhtin, que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados (orais e escritos) “concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana” (1979: 279). E com essa posição teórica chegamos à união do gênero ao seu envolvimento social. Não se pode tratar o gênero de discurso independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas.

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais

e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas, como bem lembra Bronckart (2001). Os gêneros limitam nossa ação na escrita. Isto faz com que Amy J. Devitt (1997) identifique o gênero como nossa “*linguagem estandar*”, o que por um lado impõe restrições e padronizações, mas por outro lado é um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação.

Vejamos agora um simples exemplo para ter clara a questão relativa à inserção de seqüências tipológicas (os modos textuais) subjacentes à organização interna do gênero. Isto serve para comprovar que os gêneros não são opostos a tipos e que ambos não formam uma dicotomia e sim são complementares e integrados. Não subsistem isolados nem alheios um ao outro, são formas constitutivas do texto em funcionamento.

Gostaria de frisar um pouco mais esse aspecto pela sua importância: não devemos imaginar que a distinção entre gênero e tipo textual forme uma visão dicotômica, pois eles são dois aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária. Como ainda veremos, toda vez que desejamos produzir alguma ação linguística em situação real, recorreremos a algum gênero textual. Eles são parte integrante da sociedade e não apenas elementos que se sobrepõem a ela.

Vejamos agora uma *carta pessoal*, observando-lhe as seqüências tipológicas subjacentes. Seria muito interessante realizar estudos variados de gêneros para identificar quais são as seqüências mais comuns em cada um deles. Isso permitiria observar não apenas as estruturas textuais, mas sobretudo os atos retóricos praticados nos gêneros.

Exemplo (2): NELFE-003 - Carta pessoal

Seqüências tipológicas	Gênero textual: <i>carta pessoal</i>
Descritiva	Rio, 11/08/1991
Injuntiva	Amiga A.P. Oi!
Descritiva	Para ser mais preciso estou no meu quarto, escrevendo na escrivãzinha, com um Micro System ligado na minha frente (bem alto, por sinal).

Expositiva	Está ligado na Manchete FM — ou rádio dos funks — eu adoro funk, principalmente com passos marcados. Aqui no Rio é o ritmo do momento... e você, gosta? Gosto também de house e dance music, sou fascinado por discotecas! Sempre vou à K.I.
Narrativa	ontem mesmo (sexta-feira) eu fui e cheguei quase quatro horas da madrugada.
Expositiva	Dançar é muito bom, principalmente em uma discoteca legal. Aqui no condomínio onde moro têm muitos jovens, somos todos muito amigos e sempre vamos todos juntos. É muito maneiro!
Narrativa	C. foi três vezes à K.I.
Injuntiva	pergunte só a ele como é!
Expositiva	Está tocando agora o "Melô da Mina Sensual", super demais! Aqui ouço também a Transamérica e RPC FM.
Injuntiva	E você, quais rádios curte?
Expositiva	Demorei um tempão pra responder, espero sinceramente que você não esteja chateada comigo. Eu me amarrei de verdade em vocês aí, do Recife, principalmente a galera da ET, vocês são muito maneiros! Meu maior sonho é viajar, ficar um tempo por aí, conhecer legal vocês todos, sairmos juntos... Só que não sei ao certo se vou realmente no início de 1992. Mas pode ser que dê, quem sabe! /...../ Não sei ao certo se vou ou não, mas fique certa que farei de tudo para conhecer vocês o mais rápido possível. Posso te dizer uma coisa? Adoro muito vocês!
Narrativa	Agora, a minha rotina: às segundas, quartas e sextas-feiras trabalho de 8:00 às 17:00h, em Botafogo. De lá vou para o T., minha aula vai de 18:30 às 10:40h. Chego aqui em casa quinze para meia-noite. E às terças e quintas fico 050 em F. só de 8:00 às 12:30h. Vou para o T.; às 13:30 começa o meu curso de Francês (vou me formar ano que vem) e vai até 15:30h. 16:00h vou dar aula e fico até 17:30h. 17:40h às 18:30h faço natação (no T. também) e até 22:40h tenho aula. /...../ Ontem eu e Simone fizemos três meses de namoro;
Injuntiva	você sabia que eu estava namorando?
Expositiva	Ela mora aqui mesmo no ((illegível)) (nome do condomínio). A gente se gosta muito, às vezes eu acho que nunca vamos terminar, depois eu acho que o namoro não vai durar muito, entende?
Argumentativa	O problema é que ela é muito ciumenta, principalmente porque eu já fui afim da B., que mora aqui também. Nem posso falar com a garota que S. já fica com raiva. /...../
Narrativa	É acho que vou terminando escreva!
Injuntiva	Faz um favor? Diga pra M., A. P. e C. que esperem, não demoro a escrever Adoro vocês! Um beijão!
Narrativa	Do amigo P. P. 15:16h

É notável a variedade de seqüências tipológicas nessa carta pessoal, em que predominam descrições e exposições, o que é muito comum para o gênero. Esse tipo de análise pode ser desenvolvido com todos os gêneros e, de maneira geral, vai-se notar que há uma grande heterogeneidade tipológica nos gêneros textuais.

As definições aqui trazidas de *gênero*, *tipo*, *domínio discursivo* são muito mais operacionais do que formais e seguem de perto a posição bakhtiniana. Assim, para a noção de *tipo textual*, predomina a identificação de seqüências lingüísticas como norteadora; e para a noção de *gênero textual*, predominam os critérios de padrões comunicativos, ações, propósitos e inserção sócio-histórica. No caso dos *domínios discursivos*, não lidamos propriamente com textos e sim com formações históricas e sociais que originam os discursos. Eles ainda não se acham bem definidos e oferecem alguma resistência, mas seguramente, sua definição deveria ser na base de critérios etnográficos, antropológicos e sociológicos e históricos.

Em trabalho sobre o *domínio pedagógico*, Kazue Saito Monteiro de Barros (2004)⁵ sugere vários critérios para o tratamento dos domínios e conclui afirmando que:

- A busca de definição do domínio pedagógico (ou qualquer domínio) deve partir de diferentes perspectivas de observação, considerando aspectos formais, funcionais e contextos de circulação. Vistos isoladamente, nenhum dos critérios parece ser suficiente para definição.
- É urgente (re)pensar o conceito de domínio em bases menos intuitivas, através da análise detalhada de gêneros que parecem compartilhar características (não só formais) comuns.
- A análise deve priorizar o ponto de vista dos interactantes, observando as marcas que deixam no discurso.
- No domínio pedagógico, o aspecto formal mais observado em estudos anteriores (gêneros da oralidade) — a organização dos turnos — não é (obviamente) definitivo, mas pode apresentar especificidades.
- No domínio pedagógico, os papéis sociais são bem marcados e podem ser evocados em situações de conflito, deixando marcas formais no texto.
- No domínio pedagógico, a interação envolve regras especiais e particulares que os participantes consideram no julgamento do que são contribuições permitidas na atividade.
- No domínio pedagógico, a interação incorpora regras “técnicas” específicas que se concretizam em marcas formais nos textos, por exemplo, o emprego de termos técnicos e científicos.
- O interessante não é descobrir que estruturas são típicas ou exclusivas do discurso pedagógico, mas identificar porque elas são recorrentes.

5. Kazue Saito Monteiro de Barros (2004). *Gêneros textuais do domínio pedagógico: aproximações e divergências*. Apresentado na XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos do GELNE. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 7 a 10 de setembro de 2004.

Já com estas observações podemos notar que não é fácil determinar para cada domínio discursivo suas coordenadas, tendo em vista o conjunto de variáveis a serem observadas. Mas seria relevante e de interesse tratar a questão de modo mais sistemático e menos intuitivo. Esse é um campo aberto ao debate e à investigação.

Por todas essas observações, já podemos afirmar que os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a *funções, propósitos, ações e conteúdos*. Nesse sentido, pode-se dizer que a tipicidade de um gênero vem de suas características funcionais e organização retórica. Segundo sugestão de Carolyn Miller (1984), os gêneros são formas verbais de ação social estabilizadas e recorrentes em textos situados em comunidades de práticas em domínios discursivos específicos. Assim os gêneros se tornam propriedades inalienáveis dos textos empíricos e servem de guia para os interlocutores, dando inteligibilidade às ações retóricas. Resumidamente, poderia dizer que os gêneros são entidades:

a) dinâmicas	f) orientadas para fins específicos
b) históricas	g) ligadas a determinadas comunidades discursivas
c) sociais	h) ligadas a domínios discursivos
d) situadas	i) recorrentes
e) comunicativas	j) estabilizadas em formatos mais ou menos claros.

As distinções entre um gênero e outro não são predominantemente lingüísticas e sim funcionais. Já os critérios para distinguir os tipos textuais seriam lingüísticos e estruturais, de modo que os gêneros são designações sociorretóricas e os tipos são designações teóricas. Temos muito mais designações para gêneros como manifestações empíricas do que para tipos.

Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois como são sócio-históricos e variáveis, não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua classificação. Por isso é muito difícil fazer uma classificação de gêneros. Aliás, quanto a isso, hoje não é mais uma preocupação dos estudiosos fazer tipologias. A tendência hoje é explicar como eles se constituem e circulam socialmente.

Retornando ao trabalho de Maingueneau (2004), já citado aqui, lembro que o autor sempre foi cético quanto à classificação dos gêneros. Em artigo de 1999⁶, ele propôs uma divisão dos gêneros em três grandes conjuntos de acordo com o seu “*regime de genericidade*”, do seguinte modo:

6. Dominique Maingueneau (1999). Analysing Self-Constituting Discourses. *Discourse Studies*, vol. 1, 2(1999):175-199.

- (a) *Gêneros autorais*: são os textos que mantêm um caráter de autoria pelos traços de estilo, caráter pessoal e se situam em especial na literatura, jornalismo, política, religião, filosofia etc.
- (b) *Gêneros rotineiros*: são os comuns de nosso dia-a-dia, tal como aqueles que se realizam em entrevistas radiofônicas, televisivas, jornalísticas, consultas, médicas, debates etc. Seus papéis são fixados *a priori* e não mudam muito de situação para situação e neles as marcas autorais se manifestam menos. Têm uma estabilidade institucional bastante definida.
- (c) *Gêneros conversacionais*: são os gêneros de menor estabilidade e sem uma organização temática previsível como as conversações. Em seu conjunto, são de difícil distinção e divisão como gêneros em categorias bem definidas.

Esta classificação foi modificada pelo autor, pois, segundo ele, a tripartição aqui postulada não era pertinente (Maingueneau, 2004: 110). O próprio termo “rotineiro” não parece adequado, já que daria a impressão de que as conversações não seriam rotineiras quando elas são rotinas muito comuns. Mas o mais complicado era distinguir de maneira tão rigorosa entre os gêneros *autorais* e os gêneros *rotineiros*, pois uma crônica jornalística tem sem dúvida marcas autorais e não poderia ser incluída no primeiro conjunto. Assim, Maingueneau sugere que se parta para um “regime de genericidade” em duas categorias e não mais em três. Com isso, ele defende que se distinga entre:

- (a) *regime de gêneros conversacionais* e
- (b) *regime de gêneros instituídos*.

O segundo grupo conteria agora os gêneros autorais e os rotineiros. A análise desenvolvida pelo autor é minuciosa e complexa e apresenta uma série de critérios para acomodar os gêneros nessa classificação. Não nos interessam os detalhes dessa teoria, mas interessam sim os propósitos da mesma, ou seja, a idéia de que é possível distinguir regimes de produção textual no contexto da interdiscursividade. E com isso sabemos que a escolha de um ou outro gênero em nossa atividade discursiva não é uma escolha aleatória e sim comandada por interesses específicos.

Deve aqui ficar claro, tal como visto acima, que não há uma dicotomia entre gênero e tipo. Trata-se duma relação de complementaridade. Ambos coexistem e não são dicotômicos. Todos os textos realizam um gênero e todos os gêneros realizam seqüências tipológicas diversificadas. Por isso mesmo, os gêneros são em geral tipologicamente heterogêneos. Vejamos isto num exemplo:

Tome-se o caso do *telefonema*. Como *gênero textual*, trata-se de um evento falado muito claro e definido em suas rotinas, identificável pela maioria dos indivíduos que vivem em culturas em que telefonar é uma prática usual. Caracteriza-se como um diálogo mediado pelo telefone, sem a presença física dos falantes. Contudo, do ponto de vista de tipo textual, um telefonema pode envolver argumentações, narrativas e descrições, ou seja, ele é heterogêneo. Podemos, pois, indagar se a noção de telefonema é clara hoje em dia. Observem-se algumas das diversas maneiras de usar o telefone:

- há a conversa telefônica (por telefone celular ou fixo) que mantemos todos os dias com nossa mãe, filhos, amigos, colegas de trabalho ao qual chamamos de *telefonema*;
- há o telefonema que mandamos a companhia telefônica dar por nós e se chama de *telegrama fonado*;
- há o telefonema na forma de um *recado gravado* ou *recado em secretária eletrônica*;
- há os telefonemas de aniversário, casamento etc., através de agências e que chamamos comumente de *telemensagens*.

Com efeito, há muito mais formas de usar o telefone do que o simples telefonema. O que é então um telefonema (enquanto gênero) diante de tanta variação na forma e nos recursos utilizados? Essa situação vai repetir-se com a carta, o formulário, o resumo, a lista e assim por diante, de modo que a questão de dar nome aos gêneros é algo de enorme complexidade.

Poderíamos apelar aqui para a conhecida noção de constelação textual ou colônia de textos ou então a idéia de sistema de gêneros, tal como o faz Charles Bazerman (2005), como ainda veremos mais adiante.

2.5 Gêneros textuais como sistema de controle social

Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia. Toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero que não é decidido *ad hoc*, como já lembrava Bakhtin ([1953]1979) em seu célebre ensaio sobre os *gêneros do discurso*. Daí também a imensa pluralidade de gêneros e seu caráter essencialmente sócio-histórico. Os gêneros são também necessários para a interlocução humana.

Um simples exemplo pode dar a dimensão disso: tomemos a atividade discursiva na vida acadêmica: quem controla a cientificidade em nosso trabalho investigativo diário? Em boa medida, os gêneros por nós produzidos dão, pelo menos em uma primeira instância, legitimidade ao nosso discurso. Nesse particular, certos gêneros tais como os *ensaios*, as *teses*, os *artigos científicos*, os *resumos*, as *conferências* etc., assumem um grande prestígio, a ponto de legitimarem e até imporem determinada forma de fazer ciência e decidir o que é científico. E com isso chega-se inclusive à idéia de que não são ciência os discursos produzidos fora de um certo cânon de gêneros da área acadêmica.

Assim, podemos dizer que o controle social pelos gêneros discursivos é incontornável, mas não determinista. Por um lado, a romântica idéia de que somos livres e de que temos em nossas mãos todo o sistema decisório é uma quimera, já que estamos imersos numa sociedade que nos molda sob vários aspectos e nos conduz a determinadas ações. Por outro lado, o gênero textual não cria relações deterministas nem perpetua relações, apenas manifesta-as em certas condições de suas realizações. Desde que nos constituímos como seres sociais, nos achamos envolvidos numa máquina sociodiscursiva. E um dos instrumentos mais poderosos dessa máquina são os gêneros textuais, sendo que de seu domínio e manipulação depende boa parte da forma de nossa inserção social e de nosso poder social. Enfim: quem pode expedir um *diploma*, uma *carteira de identidade*, um *alvará de soltura*, uma *certidão de casamento*, um *porte de arma*, escrever uma *reportagem jornalística*, uma *tese de doutorado*, dar uma *conferência*, uma *aula expositiva*, realizar um *inquérito judicial* e assim por diante?

Diante disso, parece possível dizer que a produção discursiva é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente comunicativo e informacional. Daí que não se pode ter na atividade informacional a função mais importante da língua. Eu me atrevera a dizer que a informação é um fenômeno eventual e talvez um simples efeito colateral do funcionamento da língua. Todos nós sabemos que a língua não é apenas um sistema de comunicação nem um simples sistema simbólico para expressar idéias. Mas muito mais uma *forma de vida* e uma *forma de ação*, como dizia o velho Wittgenstein.

Talvez seja possível defender que boa parte de nossas atividades discursivas servem para atividades de controle social e cognitivo. Quando queremos exercer qualquer tipo de poder ou de influência, recorremos ao discurso. Ninguém fala só para exercitar as próprias cordas vocais ou os tímpanos alheios. Na realidade, o meio em que o ser humano vive e no qual se acha imerso é

muito maior que seu ambiente físico e contorno imediato, já que está envolto também por sua história e pela sociedade que (o) criou e pelos seus discursos. A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem, e todos os nossos textos situam-se nessas vivências estabilizadas em gêneros. Nesse contexto, é central a idéia de que a língua é uma *atividade sociointerativa* de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade. O funcionamento de uma língua no dia-a-dia é, mais do que tudo, um processo de integração social. Claro que não é a língua que discrimina ou que age, mas nós que com ela agimos e produzimos sentidos.

Aspecto que mereceria aqui pelo menos uma nota é a distinção que podemos fazer entre um evento e um gênero textual. Sabemos que consolar uma criança chorosa é um evento ou uma ação bastante complexa e, nesse caso, não vamos recitar um poema, mas dar um conselho, contar algo alegre etc. O gênero investido para consolar distingue-se do evento, assim como uma audiência no tribunal é um evento e neste evento ocorrem alguns gêneros específicos. O evento é marcado por um conjunto de ações e o gênero é a ação lingüística praticada como recorrente em situações típicas marcadas pelo evento. Um jogo de futebol é um evento, assim como um congresso acadêmico ou uma sessão do Congresso Nacional. Mas em cada situação dessas temos gêneros adequados e não adequados. Portanto, podemos distinguir com alguma clareza entre um evento e um gênero.

2.6 A questão da intergenericidade: que nomes dar aos gêneros?

Como é que se chega à denominação dos gêneros? Com certeza, as designações que usamos para os gêneros não são uma invenção pessoal, mas uma denominação histórica e socialmente constituída. E cada um de nós já deve ter notado como costumamos com alta frequência designar o gênero que produzimos. Possuímos, para tanto, uma metalinguagem riquíssima, intuitivamente utilizada e, no geral, confiável. Contudo, é difícil determinar o nome de cada gênero de texto. Como já notaram muitos autores, em especial Bakhtin (1979), os gêneros se imbricam e interpenetram para constituírem novos gêneros. Como observamos anteriormente, não é uma boa atitude imaginar que os gêneros têm uma relação biunívoca com formas textuais. E isso fica comprovado no caso de um gênero que têm a função de outro, como é

típico das publicidades. Tome-se o caso da *epígrafe* que aparece em múltiplos lugares, mas de modo particular nos livros didáticos. Uma epígrafe é constituída de um poema, uma frase, um conto breve, uma máxima ou qualquer outro gênero e não tem uma característica específica, a não ser um determinado local no texto, que nos sugere se tratar de uma epígrafe. Assim, em muitos casos, apenas o local em que um texto aparece permite que determinemos com alguma precisão de que gênero se trata.

Em geral, damos nomes aos gêneros usando um desses critérios:

1. forma estrutural (gráfico; roda-pé; debate; poema)	4. meio de transmissão (telefonema; telegrama; e-mail)
2. propósito comunicativo (errata; endereço)	5. papéis dos interlocutores (exame oral; autorização)
3. conteúdo (nota de compra; resumo de novela)	6. contexto situacional (conversação esp.; carta pessoal)

Mas vários desses critérios podem atuar em conjunto. Basta ver os nomes que encontramos para os mais variados gêneros para imediatamente constatar que na constituição do nome sempre atua mais de um critério. Mas o certo é que quando se tem algum problema ou conflito na designação, ela surge em atenção ao propósito comunicativo ou função.

Veja-se a complexidade do caso do texto abaixo, que apareceu em quase todos os periódicos semanais e jornais diários, por ocasião da despedida do autor do personagem Snoopy.

164

Caros amigos,


Tive o prazer de desenhar Charlie Brown e sua turma durante quase cinquenta anos. Foi a realização de meu sonho de infância.

Infelizmente, não posso mais dedicar o tempo exigido por quadrinhos diários. Por isso, anuncio minha aposentadoria

Tive a satisfação de contar em todos esses anos com a lealdade de nossos editores e com o amor e o apoio maravilhoso transmitidos pelos fãs de meus quadrinhos.

Charlie Brown, Snoopy, Linus, Lucy... como esqueçê-los...

Charles M. Schulz



Na parte esquerda, uma carta de despedida e, à direita, um quadrinho com a figura do Snoopy pensativo diante de uma máquina de escrever antiga. Tratava-se de uma tirinha? Uma carta pessoal? Era um texto produzido num interdiscurso cujo espaço fora construído por meio século no contexto de uma *tirinha de jornal* ou uma *história em quadrinho*.

A questão central não é o problema da nomeação dos gêneros, mas a de sua identificação, pois é comum burlarmos o cânon de um gênero fazendo uma mescla de formas e funções. No geral, os gêneros estão bem fixados e não oferecem problemas para sua identificação.

No caso de mistura de gêneros, adoto a sugestão da lingüista alemã Ulla Fix (1997: 97), que usa a expressão “*intertextualidade tipológica*” para designar esse aspecto da hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro. Pessoalmente, estou usando intergenericidade como a expressão que melhor traduz o fenômeno. Essa violação de cânones subvertendo o modelo global de um gênero poderia ser visualizada num diagrama semelhante a outros aqui desenvolvidos. A título de exemplo, tomemos um gênero A, por exemplo, uma *publicidade* e um gênero B, por exemplo, uma *bula de remédio*, como no exemplo trazido por Ulla Fix (1997: 100), da editora alemã Diogenes, que aparece na quarta capa⁷ dos livros. Veja a tradução:

Viva saudável com os livros

DIOGENES®

Os livros Diogenes acham-se internacionalmente introduzidos na biblioterapia

Posologia

As áreas de aplicação são muitas. Principalmente resfriados, corizas, dores de garganta e rouquidão, mas também nervosismo, irritações em geral e dificuldade de concentração. Em geral, os livros Diogenes atuam no processo de cura de quase todas as doenças para as quais prescreve-se descanso. Sucessos especiais foram registrados em casos de convalescença.

Propriedades

O efeito se faz notar pouco tempo após iniciada a leitura e tem grande durabilidade. Livros Diogenes aliviam rapidamente a dor, estimulam a circulação sanguínea e o estado geral melhora.

Precauções/riscos

Em geral, os Livros Diogenes são bem tolerados. Para miopia, aconselham-se meios de auxílio à leitura. São conhecidos casos isolados nos quais o uso prolongado produziu dependência.

Dosagem

Caso não haja outra indicação, sugere-se um livro a cada dois ou três dias. Regularidade no uso é o pressuposto essencial para a cura. Leitura diagonal ou desistência prematura podem interferir no efeito.

7. Não é o caso de discutirmos aqui, mas muitos autores tratam a *quarta capa* como um gênero. Contudo, a quarta capa é, a meu ver, muito mais um lugar (talvez até mesmo um suporte) especial para gêneros diversos. Muitas vezes acha-se ali um excerto do texto que vem no interior do livro ou um parágrafo da apresentação feita por alguém que não o autor; mas pode aparecer a relação dos livros da coleção da qual faz parte aquele livro. Em muitos casos, na quarta capa, aparecem elogios de autores conhecidos ao autor do livro. Portanto, a quarta capa é um lugar em que figuram as mais variadas formas textuais e os mais variados gêneros e se for tomada como gênero é difícil determinar até mesmo a função dele, pois em cada caso isto vai variar muito. Uma discussão mais complicada é aquela que discute se a capa de livro é um gênero e se a capa de revista é outro gênero. Esta questão do que é ou não um gênero ainda não está muito esclarecida e merece mais discussões.

Composição

Papel, cola e cores na impressão. Os livros Diogenes são ecologicamente produzidos. Neles são usados somente papéis fabricados sem cloro e sem ácidos, o que garante alta durabilidade.

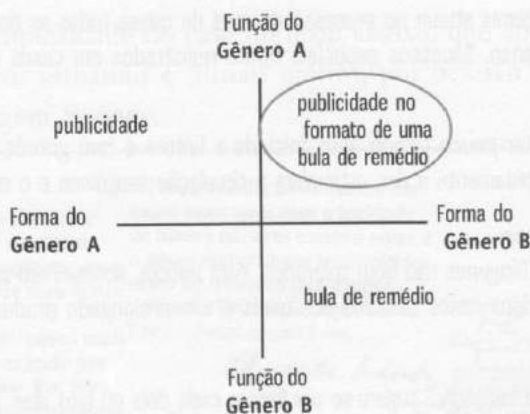
Também, no caso de qualidade de vida, garante-se
ótima distração.

LIVROS DIOGENES

São menos aborrecidos

FORTE: Ulla FIX (1997: 100) - tradução de Luiz Antônio Marcuschi

O diagrama que se segue é uma tentativa de representar a intertextualidade tipológica aqui verificada. Não obstante a impressão de naturalidade desse fenômeno, gostaria de chamar a atenção para problemas bastante complexos no caso dessa análise. Não é evidente que se possa distinguir com clareza total entre formas e funções como aqui se dá a entender. Também é provável que a intergenericidade seja uma situação bem mais natural e normal do que imaginamos, e os textos convivem em geral em interação constante.

INTERGENERICIDADE

A intergenericidade de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero deve ser distinguida da questão da heterogeneidade tipológica do gênero, que diz respeito ao fato de um gênero realizar seqüências de vários tipos textuais (por exemplo, uma carta pessoal, como já vimos, pode conter uma narrativa, uma argumentação e uma descrição, entre outras). No exemplo acima, temos um gênero (publicidade) com o formato de outro (bula de remédio). Em princípio, isso não deve trazer dificuldade alguma para a interpretabilidade, já que impera o predomínio da função sobre a forma na determinação interpretativa do gênero, o que evidencia a plasticidade e dinamicidade dos gêneros. Resumidamente, no caso dos gêneros, temos:

- (1) intergenericidade → um gênero *com a função de outro*
 (2) heterogeneidade tipológica → um gênero *com a presença de vários tipos*.

A *publicidade* opera de maneira particularmente produtiva na subversão da ordem instituída para chamar a atenção sobre um produto. Parece que desenquadrar o produto de seu enquadre normal é uma forma de reenquadrá-lo em novo enfoque para que o vejamos de forma mais nítida no mar de ofertas de produtos.

Observe-se o caso abaixo, um texto da *Folha de S.Paulo*, caracterizado como *artigo de opinião*, produzido por Josias de Souza. Temos aqui um poema produzido numa nítida intertextualidade com o conhecido poema de Drummond de Andrade. Contudo, na *Folha de S.Paulo*, trata-se de um *artigo de opinião* na forma de um *poema*.

Um novo José

Josias de Souza

-São Paulo-

Calma, José.

A festa não recomeçou,

a luz não acendeu,

a noite não esquentou,

o Malan não amoleceu.

Mas se voltar a pergunta:

e agora, José?

Diga: ora, Drummond,

agora Camdessus.

Continua sem mulher,

continua sem discurso,

continua sem carinho,

ainda não pode beber,

ainda não pode fumar,

cuspir ainda não pode,

a noite ainda é fria,

o dia ainda não veio,

o riso ainda não veio,

não veio ainda a utopia,

o Malan tem miopia,

mas nem tudo acabou,

nem tudo fugiu,

nem tudo mofou.

Se voltar a pergunta,

E agora, José?

Diga: ora, Drummond,

Agora FMI.

Se você gritasse,

se você gemesse,

se você dormisse,

se você cansasse,

se você morresse...

O Malan nada faria,

mas já há quem faça.

Ainda só, no escuro,

qual bicho-do-mato,

ainda sem teogonia,

ainda sem parede nua,

para se encostar,

ainda sem cavalo preto,

Que fuja a galope,

você ainda marcha, José!

Se voltar a pergunta:
José, para onde?
Diga: ora, Drummond,
por que tanta dúvida?

Elementar, elementar.
Sigo pra Washington
e, por favor, poeta,
não me chame de José.
Me chame Joseph.

FONTE: FOLHA DE S.PAULO, Caderno 1, p. 2 - Opinião, 04/10/1999

É bastante comum que nos órgãos de imprensa se usem as contaminações de gêneros ou se proceda à hibridização como forma de chamar mais a atenção e motivar a leitura. De algum modo, parece que essa estratégia tem o poder quase mágico de levar as pessoas a interpretar muito mais e com mais intensidade o que ali está. Esse aspecto mereceria um estudo à parte.

O gráfico abaixo representa a intergenericidade e intertextualidade existentes no texto de Josias de Souza. De um lado, temos duas funções sobrepostas (*interfuncionalidade*) e dois gêneros se fundindo com um poema no artigo de opinião (*intergenericidade*) e, por fim, uma série de elementos do conhecido poema drummondiano “E agora, José?” aparecendo no interior do artigo de opinião (*intertextualidade*). Poderíamos falar também em *interdomínios discursivos*, já que são dois domínios sobrepostos (literatura e propaganda). Isto mostra o complexo nível de hibridização desse texto.



Poderíamos citar também o famoso caso do relatório de Graciliano Ramos como prefeito de Palmeira dos Índios, entre 1929 e 1930 e agora publicado como uma obra literária e que na época foi muito discutido por ter uma função cuja forma não era adequada, mas que foi bem aceito pelo governador das Alagoas, a quem ele se destinava. Como se observa, este caso é diverso dos

dois anteriores porque ali tínhamos uma atividade de mescla de gêneros (*bula de remédio & publicidade*) ou mescla de gêneros com intertextualidade (*poema & artigo de fundo*), sendo que agora temos um texto que não perde sua função, mas assume um novo lugar, ou seja, migra, ao longo da história, de um domínio (política) para um outro (literatura), sem deixar de continuar sendo um relatório. Trata-se de um movimento histórico que se dá pela funcionalidade do gênero e pela particular situação de seu autor. Não é comum que os textos procedam a essa migração. Mas isso existe e pode ser notado em muitos textos históricos.

Vejamos uma parte do relatório de Graciliano Ramos.

Parte inicial do Relatório de Graciliano Ramos ao governador do estado de Alagoas, entregue em 10 de janeiro de 1929 (citação da abertura, pp. 37-38 e conclusão, pp. 45-46)

PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS

RELATÓRIO

Ao Governo do estado de Alagoas

Exmo. Sr. Governador:

Trago a V. Exa. um resumo dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Palmeira dos Índios em 1928. Não foram muitos, que os nossos recursos são exíguos. Assim minguados, entretanto, quase insensíveis ao observador afastado, que desconheça as condições em que o Município se achava, muito me custaram.

COMEÇOS

O PRINCIPAL, o que sem demora inicial, o de que dependiam todos os outros, segundo creio, foi estabelecer alguma ordem na administração.

Havia em Palmeira dos Índios inúmeros prefeitos: os cobradores de impostos, o Comandante do Destacamento, os soldados, outros que desejassem administrar. Cada pedaço do Município tinha a sua administração particular, com Prefeitos coronéis e Prefeitos inspetores de quartelões. Os fiscais, esses resolviam questões de polícia e advogavam.

Para que semelhante anomalia desaparecesse, lutei com tenacidade e encontrei obstáculos dentro da Prefeitura e fora dela — dentro, uma resistência mole, suave, de algodão em rama; fora, uma campanha sorna, oblíqua, carregada de bilis. Pensavam uns que tudo ia bem nas mãos do Nosso Senhor, que administra melhor do que todos nós; outros me davam três meses para levar um tiro.

Dos funcionários que encontrei em janeiro do ano passado restam poucos. Saíram os que faziam política e os que não faziam coisa nenhuma. Os atuais não se metem onde não são necessários, cumprem as suas obrigações e, sobretudo, não se enganam em contas. Devo muito a eles.

Não sei se a administração do Município é boa ou ruim. Talvez pudesse ser pior.

(o autor relata aqui uma série de assuntos administrativos e presta contas)

CONCLUSÃO

Procurei sempre os caminhos mais curtos. Nas estradas que se abriram só há curvas onde as retas foram inteiramente impossíveis.

Evitei emaranhar-me em teias de aranha.

Certos indivíduos, não sei por que, imaginam que devem ser consultados; outros se julgam autoridade bastante para dizer aos contribuintes que não paguem impostos.

Não me entendi com estes.

Há quem ache tudo ruim, e ria constrangidamente, e escreva cartas anônimas, e adoeça, e se morda por não ver a infalível maroteirazinha, a abençoada canalhice, preciosa para quem a pratica, mais preciosa ainda para os que dela se servem como assunto invariável; há quem não compreenda como um ato administrativo seja isento de lucro pessoal; há até quem pretenda embarçar-me em coisa tão simples como mandar quebrar as pedras dos caminhos.

Fechei os ouvidos, deixei gritarem, arrecadei 1:325\$500 de multas.

Não favoreci ninguém. Devo ter cometido numerosos disparates. Todos os meus erros, porém, foram da inteligência, que é fraca.

Perdi vários amigos, ou indivíduos que possam ter semelhante nome.

Não me fizeram falta.

Há descontentamento. Se a minha estada na Prefeitura por estes dois anos dependesse de um plebiscito, talvez eu não obtivesse dez votos.

Paz e prosperidade.

Palmeira dos Índios, 10 de janeiro de 1929

Graciliano Ramos.

Aspecto interessante na identificação de um gênero textual é a dificuldade, que às vezes sentimos, de determinar o início e o final do texto enquanto entidade empírica, como já lembramos acima. Suponhamos o caso de um *livro didático* como gênero. Logo ocorre a dúvida de se de fato temos aí um gênero ou um suporte muito específico. Pois o livro didático contém textos dos mais variados gêneros, tais como *contos*, *poemas*, *tirinhas de jornal*, *notícias jornalísticas*, *adivinhas*, *atas*, *cartas pessoais* etc., sem contar com gêneros como *sumário*, *expediente da editora*, *ficha catalográfica*, *exercícios*, *bibliografia* e outros. Pessoalmente, defendo a posição de que o livro didático é um suporte e não um gênero.

No caso do livro didático, aqueles textos por ele trabalhados não estão ali de tal modo aglutinados a ponto de formarem um todo orgânico como observava Bakhtin [1979] para o *romance*. Embora o livro didático constitua um

todo, ele é feito de partes que mantêm suas características. Por exemplo: um poema não deixa de ser poema só porque entra no livro didático. Ele ali não passa a operar como a bula no caso da publicidade citada acima. Ou seja: o poema no livro didático não passa a ser poema didático. Contudo, ainda devemos pensar o problema da didatização dos gêneros.

Muitos são os problemas envolvidos na questão da intergenericidade e ainda não há trabalhos conclusivos sobre o tema. Seria oportuna uma discussão para identificar os aspectos novos envolvidos e a renovação da discussão dos gêneros. Daqui pode surgir até mesmo uma maior reflexão sobre o papel dos *propósitos* (funções) e da *forma* (organização textual) para a determinação do gênero. Essa discussão está por ser feita e deve iniciar em breve.

2.7 A questão intercultural

A autora alemã Susanne Günther (1991: 400), ao analisar o uso intercultural do gênero *provérbio*, observa que os gêneros não têm a mesma circulação situacional em todas as culturas. Cita o caso da *piada* que recebe avaliação diversa por parte de alemães e chineses em contextos de negócios. Lembra a autora:

A escolha de um gênero que pode ser usado para servir a uma certa função interativa em nossa cultura pode se tornar inadequada numa situação cultural diferente. Um sinólogo alemão, que trabalhava como intérprete em encontros de negócios entre comerciantes chineses e alemães, me apontou a preferência dos comerciantes alemães por contar piadas em negociações comerciais. Para os chineses, é considerado inapropriado contar piadas durante encontros de negócios, e as piadas não são esperadas nesse contexto.

Esta observação é sintomática das diferenças interculturais na circulação dos gêneros. Tais diferenças se manifestam também no uso do “pequeno gênero provérbio” na relação entre alemães e chineses, lembra Günther (1991: 401) ao informar que em 12 conversações interculturais, ocorreram 21 provérbios por parte de chineses e nenhum por parte de alemães. O uso de provérbios tanto na oralidade como na escrita chinesa é um sintoma de boa educação, diz Günther (1991: 413). Isso não tem a mesma função em nossas culturas ocidentais de maneira geral, em especial em zonas urbanas.

O aspecto intercultural é crucial quando se trata do ensino de uma segunda língua, como lembra com bastante acuidade Bhatia (1993). Não pode-

mos supor que em todas as culturas se escreva uma carta do mesmo modo, nem que se dê um telefonema da mesma maneira. Esse aspecto é de particular importância e, muitas vezes, notamos que as embaixadas de um país distribuem aos membros de sua comitiva em visitas ao exterior instruções de como se comportar em situações diversas. Não se trata de uma banalidade, mas de modos de respeitar a diversidade cultural.

Haveria ainda um aspecto importante a tratar nesse caso, ou seja, o problema da variedade cultural dentro de um mesmo país e como isso deveria ser encarado pelo próprio livro didático. Tomemos o caso do Brasil, bastante heterogêneo culturalmente falando. Será que a heterogeneidade cultural se manifesta também nos gêneros e isso deveria passar para o ensino formalmente? A questão está aberta e deve ser debatida.

Não resta dúvida de que o ensino deve ser culturalmente sensível. O problema central é: como isso pode e deve passar para o livro didático num país culturalmente heterogêneo como o nosso? Este aspecto é muito polêmico e sobre ele não há consenso. A questão é a seguinte:

172

- Os manuais de ensino deveriam ou não ser construídos com especial atenção para a cultura local e regional, sem descuidar da grande cultura nacional?
- Qual o lugar e o papel da cultura regional no ensino? Por que ela aparece tão pouco? A cargo de quem fica esse trabalho?
- Caso os aspectos regionais devessem estar refletidos no LD, quais seriam eles? Os encapsulados no léxico? A literatura, os costumes, as formas de comportamento típicas?

Minha resposta a estas questões não vai além de uma *declaração de princípios*. Creio que se deveria oferecer um ensino culturalmente sensível, tendo em vista a pluralidade cultural. Não se deveria privilegiar o urbanismo elitizado, mas frisar a variação lingüística, social, temática, de costumes, crenças, valores etc. Os livros didáticos atuais não refletem de maneira muito clara essa posição, mas já são muito mais abertos a essa visão e sugerem atividades extraclasse que conduzem a esse caminho. Visitas a museus, parques, fábricas, instituições, universidades, feiras, mercados, teatros e assim por diante são sugestões comuns hoje em dia.

Quanto a temas, hoje, desde a 1ª série se observa um trabalho com as doenças endêmicas, a ecologia, as artes plásticas, a música, o sistema de trânsito, a literatura, as lendas e os mitos, os meios de comunicação de massa, a

geografia, a geopolítica, a situação de trabalho, a fauna e a flora, as relações interpessoais e assim por diante. Mas o que tem isso a ver com a língua? Aparentemente nada, se não consideramos que a linguagem é uma forma de ação e inserção social e cultural.

Com efeito, quando nos indagamos a respeito dos limites da aula de língua, ou da inserção da aula de língua na vida diária, estamos nos indagando sobre o papel da linguagem e da cultura. Nessa visão, é possível dizer que a aula de língua materna é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente interno ao sistema da língua e vai além da atividade comunicativa e informacional. O meio em que o ser humano vive e no qual ele se acha imerso é muito maior que seu ambiente físico e seu contorno imediato, já que está envolto também por sua história, sua sociedade e seus discursos. A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem e todos os textos situam-se nessas vivências estabilizadas simbolicamente. Isto é um convite claro para o ensino situado em contextos reais da vida cotidiana.

2.8 A questão do suporte de gêneros textuais

Discussão ainda em andamento é a que diz respeito ao suporte dos gêneros. Muitos livros didáticos falam em portadores de gêneros, lembrando com isso os diversos locais ou continentes de gêneros como um jornal, um livro e uma revista semanal. No entanto, equivocam-se os manuais quando falam no dicionário como portador de gênero, pois ele próprio é um gênero. E equivocam-se ao tratar a embalagem como gênero, já que ela é um suporte. Essa é uma questão complexa que não tem uma decisão clara. Ainda inexistem estudos sistemáticos a respeito do suporte dos gêneros textuais. Apenas agora iniciam as investigações sistemáticas a este respeito e muitas são as indagações.

Dominique Maingueneau (2001: 71) observa que “é necessário reservar um lugar importante ao modo de *manifestação material* dos discursos, ao seu *suporte*, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador etc.” (ênfase do autor). O *mídiu*m, como o chama Maingueneau (2001: 71) é importante, mas costumávamos desprezá-lo porque nos concentrávamos no texto como tal. É interessante a observação do autor quando afirma que “o *mídiu*m não é um simples ‘meio’, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do *mídiu*m modifica o *conjunto de gênero de discurso*” (2001: 71-72). Isso diz

respeito tanto ao modo de circulação como ao modo de consumo dos gêneros e ainda mais ao modo como eles são estabilizados para serem “transportados” eficazmente. Um dia só transmitíamos os textos oralmente; depois passamos a fazê-lo por escrito; mais tarde, por telefone; e então pelo rádio, televisão e recentemente pela internet. Esses mídiuns são ao mesmo tempo modos de transporte e de fixação, mas interferem no discurso.

Diante dessas poucas observações introdutórias, podemos indagar: qual o papel do suporte na relação com os gêneros? Tem o gênero características distintivas adicionais quando realizado e acessado em um ou outro suporte? A idéia central é que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele. Mas ainda estão por ser discutidos a natureza e o alcance dessa interferência ou desse papel. Uma observação preliminar pode ser feita a respeito da importância do suporte. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. Mas isso não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial. Contudo, essa posição é questionável, pois há casos complexos em que o suporte determina a distinção que o gênero recebe. Tome-se o caso deste breve texto:

“Paulo, te amo, me ligue o mais rápido que puder.
Te espero no fone 55 44 33 22. Verônica”.

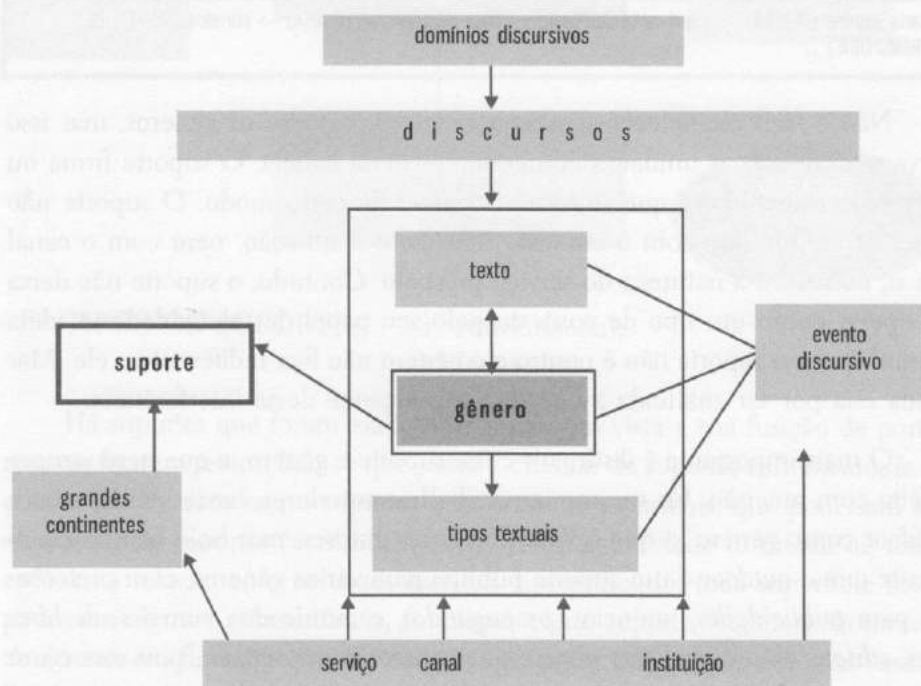
Se isto estiver escrito num papel colocado sobre a mesa da pessoa indicada (Paulo), pode ser um *bilhete*; se for passado pela secretária eletrônica é um *recado*; remetido pelos correios num formulário próprio, pode ser um *telegrama*. O certo é que o conteúdo não muda, mas o gênero é sempre identificado na relação com o suporte. Portanto, há que se considerar esse aspecto como um caso de co-emergência, já que o gênero ocorre (surge e se concretiza) numa relação de fatores combinados no contexto emergente.

Mesmo sem ter segurança a respeito da questão, parece-me bastante razoável tratar o suporte na relação com pelo menos outros três aspectos já mencionados até aqui. Assim, gostaria de ver um contínuo de categorias representadas no quadro da página seguinte.

DEFINIÇÃO DE SUPORTE: *entendemos aqui como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.* Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. Essa idéia comporta três aspectos:

- suporte é um lugar (físico ou virtual)
- suporte tem formato específico
- suporte serve para fixar e mostrar o texto.

QUADRO GERAL DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS



Com (a) supõe-se que o suporte deve ser algo real (pode ter realidade virtual como no caso do suporte representado pela internet). Essa materialidade é incontornável e não pode ser prescindida. Com (b) admite-se que os suportes não são informes nem uniformes, mas sempre aparecem em algum formato específico, tal como um livro, uma revista, um jornal, um *outdoor* e assim por diante. Além disso, o fato de ser específico significa que foi comunicativamente produzido para portar textos e não é um portador eventual. Com (c) admite-se que a função básica do suporte é fixar o texto e assim torná-lo acessível para fins comunicativos. Mas como o suporte tem um formato específico e é convencionalizado, ele pode ter contribuições ao gênero. Contudo, isso é problemático, pois também se pode dizer que os gêneros são ecológicos, no sentido de que desenvolvem nichos ou ambientes de realização mais adequados, seja para se fixarem ou circularem. Seria interessante analisar a hipótese de que os gêneros têm preferências e não se manifestam na indiferença a suportes.

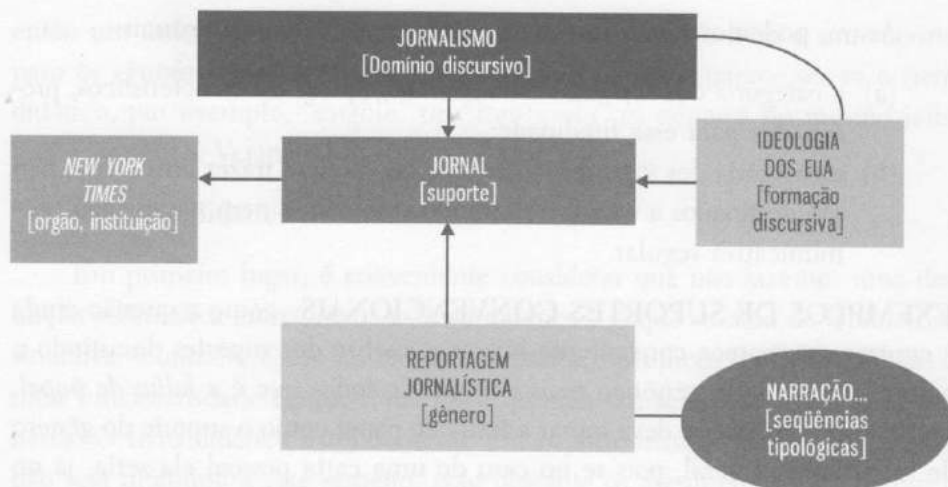
É muito difícil contemplar o contínuo que surge na relação entre gênero, suporte e outros aspectos, pois não se trata de fenômenos discretos e não se pode dizer onde um acaba e outro começa. Tome-se o caso de uma *carta pessoal*. Pode-se estabelecer esta cadeia:

carta pessoal (GÊNERO) → papel-carta (SUPORTE) → tinta (MATERIAL DA ESCRITA) → correios (SERVIÇO DE TRANSPORTE) ...

Não é fácil estabelecer a mesma cadeia para todos os gêneros, mas isso serve para pensar as unidades componentes dessa cadeia. O suporte firma ou apresenta o texto para que se torne acessível de certo modo. O suporte não deve ser confundido com o contexto nem com a situação, nem com o canal em si, nem com a natureza do serviço prestado. Contudo, o suporte não deixa de operar como um tipo de contexto pelo seu papel de seletividade. A idéia central é que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele. Mas ainda está por ser analisada a natureza e o alcance dessa interferência.

O mais importante é distinguir entre suporte e gênero, o que nem sempre é feito com precisão. Eu mesmo, em trabalhos anteriores, havia identificado o *outdoor* como gênero, o que é feito por vários autores, mas hoje admito claramente que o *outdoor* é um suporte público para vários gêneros, com preferência para *publicidades, anúncios, propagandas, comunicados, convites, declarações, editais*. Não é qualquer gênero que aparece num *outdoor*, pois esse é um suporte para certos gêneros, preferencialmente na esfera discursiva comercial ou política. Este exemplo sugere que se trate o suporte na relação com outros aspectos, tais como: *domínio discursivo, formação discursiva, gênero e tipo textual*. A relação entre eles não constitui uma ordem hierárquica, já que não há um sistema de subordinação interna. Veja-se que o *jornalismo* é um *domínio discursivo*, ao passo que o *jornal* é seguramente um *suporte* e que a *ideologia capitalista norte-americana* se oferece como *uma esfera de formação discursiva* bastante nítida, sendo a *reportagem jornalística* o *gênero textual* em questão e as seqüências *narrativas* internas seriam o *tipo textual* dominante no caso de uma *reportagem* sobre a Guerra no Iraque publicada no *New York Times*. O gráfico da página seguinte dá uma idéia melhor disto.

Já vimos que todos os textos se realizam em algum gênero e que todos os gêneros comportam uma ou mais seqüências tipológicas e são produzidos em algum domínio discursivo que, por sua vez, se acha dentro de uma formação discursiva, sendo que os textos sempre se fixam em algum suporte pelo qual atingem a sociedade.



TIPOS DE SUPORTE: (a) convencional;
(b) incidental.

Há suportes que foram elaborados tendo em vista a sua função de portarem ou fixarem textos. São os que passo a chamar de *suportes convencionais*. E outros que operam como suportes ocasionais ou eventuais, que poderiam ser chamados de *suportes incidentais*, com uma possibilidade ilimitada de realizações na relação com os textos escritos. Em princípio, toda superfície física pode, em alguma circunstância, funcionar como suporte. Vejam-se os *troncos de árvores* em florestas com declarações de amor ou poemas em suas cascas. Por isso, convém restringir a noção de suportes textuais para o caso dos suportes convencionais. Não obstante isso, vamos analisar outros suportes incidentais, até porque eles são freqüentes na vida urbana.

Assim, o corpo humano pode servir de suporte para textos, mas não é um suporte convencional. Hoje está se tornando cada vez mais comum tatuar o corpo com uma imagem, um poema ou uma declaração de amor. O corpo também pode servir para os alunos inscreverem (em especial na perna ou coxa) suas *colas* para provas ou exames. O rosto de muitos estudantes funciona como suporte para *slogans* de protesto político, como já se viu muitas vezes. Até corpos de animais como cachorros e cavalos receberam inscrições de protesto. Contudo, não parece razoável que, do ponto de vista comunicativo, se possa classificar o corpo humano e o livro na mesma categoria de suporte textual, já que o livro foi concebido como suporte de textos desde o início⁸.

8. Agradeço a Beth Marcuschi a sugestão de estabelecer alguma distinção de maneira sistemática para identificar os suportes em suas categorias.

Assim, podemos identificar duas categorias de suportes textuais:

- (a) a categoria dos *suportes convencionais*, típicos ou característicos, produzidos para essa finalidade;
- (b) a categoria dos *suportes incidentais* que podem trazer textos, mas não são destinados a esse fim de modo sistemático nem na atividade comunicativa regular.

EXEMPLOS DE SUPORTES CONVENCIONAIS: como a questão ainda é controversa, parece conveniente iniciar a análise dos suportes discutindo a natureza do suporte genérico mais comum de todos que é a *folha de papel*. Mas não parece que se deva tomar a folha de papel como o suporte do gênero de uma maneira geral, pois se no caso de uma carta pessoal ela seria, já no caso de um livro a *página* não é o suporte e sim o *livro*. No livro, a página é uma parte do todo. Se fôssemos tomar o *papel impresso* como um suporte de uma maneira geral, não teríamos distinções entre livros, revistas, livros didáticos, quadro de avisos e outros como suportes distintos. Com base nesta observação preliminar, vejamos vários suportes e suas características. Não se trata de uma classificação nem de um levantamento exaustivo.

(1) Livro

Seguramente, todos vamos concordar que o livro não é um gênero textual. Seja ele qual for, desde que visto como *livro*. Trata-se de um suporte maleável, mas com formatos definidos pela própria condição em que se apresenta (capa, páginas, encadernação etc.). O livro comporta os mais diversos gêneros que se queira. Contudo, podemos ter um livro que ao mesmo tempo realiza apenas um gênero, como no caso do *romance* ou da *tese de doutorado*. Nesses casos, distinguimos entre os *gêneros textuais* romance e tese de doutorado e o *suporte textual* livro. Tomemos um livro com cartas pessoais de alguém. Aquelas cartas já não são mais pessoais desde o momento em que foram publicadas. Passaram a ser documentos públicos e até seu *status* pode ter mudado se forem cartas de algum escritor. Mas com a divulgação em livro passam a operar como uma obra literária. O problema é que mudou a função e a natureza daqueles textos no gênero *carta pessoal*. Trata-se de um livro com muitos exemplares de um gênero ou simplesmente um gênero como tal? O livro é, neste caso, um suporte e o gênero é carta pessoal.

Em suma, um livro é sempre um suporte, sendo que em alguns casos contém um só gênero (um livro de poemas), em outros casos contém muitos gêneros diversos (uma obra com as publicações de um determinado jornal) ou

então um único gênero (romance). Em todos os casos, o livro é um suporte para os gêneros ou gênero que comporta. O problema parece ser se o livro didático, por exemplo, “engole” ou “transmuta” os gêneros do mesmo jeito que o romance. Vejamos o caso mais de perto.

(2) Livro didático

Em primeiro lugar, é conveniente considerar que não fazemos uma distinção sistemática entre “livro” e “livro didático”, já que se trata de fenômenos similares. Contudo, como há elementos muito específicos do livro didático e uma funcionalidade típica, tratamos a questão em separado, mas todos são livros. O livro didático é nitidamente um suporte textual, embora a opinião não seja unânime a esse respeito. Não obstante os argumentos em contrário, ainda se pode dizer que o livro didático (LD), particularmente o LD de língua portuguesa, é um suporte que contém muitos gêneros, pois a incorporação dos gêneros textuais pelo LD não muda esses gêneros em suas identidades, embora lhe dê outra funcionalidade, fato ao qual denominei reversibilidade de função. Falo aqui em *funcionalidade* e não *função* para que se tenha claro esse aspecto. Por exemplo, uma carta, um poema, uma história em quadrinhos, uma receita culinária e um conto continuam sendo isso que representam originalmente e não mudam pelo fato de migrarem para o interior de um LD. Não é o mesmo que se dá, por exemplo, no caso de um romance que incorpora cartas, poemas e anúncios, entre outros.

Certamente, Bakhtin nunca teria classificado o livro didático entre os gêneros secundários e sim como um conjunto de gêneros. Aspecto importante é a vasta produção de gêneros tipicamente da esfera do discurso pedagógico, tal como a *explicação textual*, os *exercícios escolares*, a *redação*, *instruções para produção textual* e muitos outros que se acham no LD. O espaço pedagógico tem muitos outros gêneros que circulam nessa área e não migram para o LD, tais como as conferências, os relatórios, as atas de reuniões etc. Tudo indica, pois, que o LD pode ser tratado como um suporte com características muito especiais.

(3) Jornal (diário)

O jornal, diário e mesmo o jornal semanal, é nitidamente um suporte com muitos gêneros. Estes gêneros são, em boa medida, típicos e recebem, em função do suporte, algumas características em certos casos, tal como o da *notícia*. Aqui situam-se também as *cartas do leitor* e as *notas sociais*, entre outros. No jornal, temos gêneros que não aparecem em revistas semanais,

como: *anúncios fúnebres, convites para missas de sétimo dia, previsões meteorológicas, resumos de filmes, horóscopo diário* e assim por diante. Mas há outros comuns com as revistas, como *notícias, reportagens, editoriais, receitas culinárias, história em quadrinhos, charge, entrevistas* etc.

(4) Revista (semanal / mensal)

A revista semanal poderia ser vista no contexto do *jornal diário*, mas além de conter sensivelmente menos gêneros textuais que o jornal, tem uma peculiaridade no processo de textualização, como se frisou há pouco. Jornais diários e revistas divergem em alguns aspectos. Em primeiro lugar, muitos gêneros são mais específicos de jornais diários do que revistas semanais. Deve-se ter em mente que as revistas semanais, quinzenais ou mensais também divergem entre si e os jornais são em geral diários. Assim certos gêneros que circulam com notícias ou fatos apenas do dia (p. ex., anúncios fúnebres e classificados) pouco aparecem em revistas. Mas apenas uma análise detalhada diria se há diferenças específicas. O certo é que a titulação (manchetagem) em revistas e jornais tem diferenças notáveis.

(5) Revista científica (boletins e anais)

Seguramente, as revistas científicas, os anais de congressos e os boletins de associações científicas, por exemplo, são suportes de gêneros bastante específicos e ligados a um domínio discursivo (o científico, acadêmico ou instrucional). Ali encontramos *artigos científicos, resenhas, resumos, comunicações, bibliografias, debates científicos, programação de congressos, programas de cursos* e outros dessa natureza. São suportes hoje tradicionais e que se especializam de maneira muito clara. Pelo fato de serem considerados científicos, há inclusive um *status* dos gêneros por eles veiculados que é diferente dos textos similares que aparecem em jornais diários ou em revistas semanais de divulgação ou noticiosas.

(6) Rádio

Não obstante ter dito no início que não me reportaria aos gêneros orais de maneira sistemática, lembro o rádio como suporte pela sua relevância e por ter sido desenhado para esse fim. Contudo, friso que o rádio é um caso problemático porque pode ser considerado um suporte num sentido restrito como um lugar de fixação, mas é um serviço ou meio quando tomado como uma emissora. O rádio porta com uma multiplicidade de gêneros. Mas como ele conta com a transmissão sonora sem o recurso visual, certamente terá uma

interferência diversa da televisão. As notícias na TV, no rádio e no jornal não têm o mesmo tipo de tratamento em relação ao discurso relatado ou reportado. Há pouco discurso direto (citações de fala) no rádio e na TV, ao passo que isso ocorre mais no jornal e na revista.

(7) Televisão

A televisão acha-se no mesmo caso de ambigüidade que o rádio (é simultaneamente vista como suporte, meio e serviço), mas com a diferença de que aqui temos a imagem e não só o som. Além disso, poderíamos pensar em meios ou sistemas de transporte diversos na TV, já que ela pode servir-se de outros suportes e até de eventos complexos, pois na TV podemos ter a transmissão de *teatro*, *cinema*, *novela* e assim por diante. Mas ela não seria o suporte do teatro ou do cinema e sim um meio de transmissão. De resto, não sabemos ainda como tratar o caso do cinema e do teatro. Estes não são propriamente suportes e sim ambientes (casa de espetáculo) ou até instituições (o Cinema, o Teatro). Já a *peça de teatro* e o *filme* em si são gêneros.

(8) Telefone

Igualmente ao caso do rádio, temos aqui um suporte para gêneros orais. O telefone está no mesmo plano que os anteriores e é um suporte quando não se pensa apenas na tecnologia nem no sistema funcionando como meio. Classifico como um suporte-meio. Nele se dão muitos gêneros, mas haveria que discutir se distinguimos entre o telefone enquanto um aparelho e a telefonia como uma técnica de comunicação. Assim, a telefonia permite a realização de gêneros que o telefone não permitiria. Não me parece clara a distinção que se faz entre ambos e isso deveria ser mais bem pensado.

(9) Quadro de avisos

Este é um caso interessante que pode ser tido como um suporte pela quantidade de gêneros que abriga, mas há quem o considere um gênero textual, o que parece ser equivocado. Num quadro de avisos, temos publicidades, avisos, poemas, listagens de notas, informações diversas, cartazes de eventos, placas, sugestões, propostas, regimento de cursos, recortes de jornal com notícias, editoriais etc. Trata-se de um suporte com características próprias que contém no geral textos de curta extensão. Mas os quadros de avisos hoje podem conter outros suportes como os *folders* e jornais inteiros afixados. Também contém material visual como fotos e desenhos isolados.

(10) Outdoor

Trata-se de um suporte e não de um gênero. Como lembrado acima, em alguns momentos eu o classifiquei como gênero, mas dada a diversidade que esse “suporte” veio assumindo quanto aos gêneros que alberga e quanto à função desses gêneros, eu o classifico hoje como suporte. O *outdoor* tem peculiaridades muito interessantes e mereceria um estudo à parte. Ele veicula, como já se viu, gêneros bastante especializados, mas vem se generalizando cada vez mais.

(11) Encarte

Como vamos tratar o encarte em um jornal diário? Muitas vezes é uma revista completa, em outros casos, é uma publicidade, uma propaganda, uma campanha publicitária e assim por diante. Mas o encarte sempre vem dentro de um outro recipiente ou suporte. Já o próprio nome diz que se trata de algo dependente. Podemos falar de suportes de suportes? É importante não considerar a *bula de remédio* como um encarte por vir situada no interior de uma embalagem.

(12) Folder

Tudo indica que o *folder* pode ser tido como um suporte de gêneros diversos, embora haja quem o trate como gênero. Admito que o *folder* é um suporte que porta gêneros tais como *campanhas publicitárias*, *campanhas governamentais*, *publicidades*, *instruções de uso*, *currículos*, *prospectos* e assim por diante. Existem *folders* com mais de um gênero. Mas a questão do *folder* não é clara e há pouco consenso sobre o caso.

(13) Luminosos

Os luminosos foram produzidos para veicularem textos e imagens. São estruturas comunicativas com as quais os usuários têm em geral um contato bastante fugaz e não tão sistemático. Na maioria dos casos, ali figuram textos em movimento e gêneros ligados à publicidade de grandes empresas ou campanhas governamentais.

(14) Faixas

As faixas também são suportes tradicionais e altamente convencionais. São lugares adequados para veicular textos para serem vistos de longe. Também servem para decorar as mesas de abertura de congressos ou festividades. As faixas constituem uma espécie de suporte bastante comum para eventos festivos. Elas portam um gênero de cada vez. São inscrições, logomarcas ou

então indicação de eventos. Há faixas comemorativas de aniversários de empresas, festividades e situações de grande público.

ALGUNS EXEMPLOS DE SUPORTES INCIDENTAIS: os suportes aqui denominados *incidentais* são apenas meios casuais e que emergem em situações especiais ou até mesmo corriqueiras, mas não são convencionais, como os apontados no item anterior. Ninguém nega que uma porta de banheiro porta textos, mas isso não é comum em todos os banheiros, como não é comum todas as pessoas terem seus corpos tatuados com inscrições ou que as calçadas, as paredes e os muros em geral estejam cheios de inscrições. É inegável que boa parte dos textos hoje em circulação pelos ambientes urbanos se acham nesses *suportes incidentais*. Tratamos deles aqui, já que não devem ser ignorados.

(1) Embalagem

Este é um caso interessante, pois, no geral, a embalagem não seria tida como um suporte. Contudo, tomamos a embalagem como um suporte na medida em que nas embalagens podem estar vários gêneros. Embalagens de produtos comestíveis muitas vezes trazem não só o *rótulo* do produto, mas uma *receita*. Ou então, no caso de remédios, pode-se ter uma breve *bula de remédio* e assim por diante. Quanto a este último aspecto, pode-se indagar se as indicações que estão no rótulo são algo diverso da bula que vem dentro da caixa de remédio. Se indagarmos de vários especialistas, eles dirão que a bula é diferente daquilo que vem na embalagem. Mas se observarmos as instruções que aparecem na embalagem, elas parecem uma bula.

(2) Pára-choques e pára-lamas de caminhão

Não parece haver dúvidas de que estes sejam um suporte de gêneros muito especiais, tais como *frases* e *provérbios*. Certamente o caminhão é um veículo em vários sentidos, pois transporta tanto o pára-choque como o texto. Mas não é só o pára-choque do caminhão e sim também de automóveis e demais veículos como ônibus etc. que servem para essa finalidade. Essa é uma família de suportes ligada a um meio de transporte. Talvez devêssemos pôr aqui também as janelas traseiras de ônibus urbanos, que hoje se tornaram suportes sistemáticos, especialmente de publicidades.

(3) Roupas

Embora me decida pelas roupas como suportes, não parece muito claro se devemos tomá-las como tal, por exemplo, uma *camiseta*. Ela parece ser um suporte de gêneros, já que hoje em dia porta textos dos mais variados gêneros,

como *poemas*, *provérbios* etc. Mas a camiseta não traz de maneira sistemática textos e talvez devêssemos restringir esse aspecto.

(4) Corpo humano

O corpo humano vem cada vez mais servindo para veicular textos em geral muito curtos e na forma de tatuagens ou de *slogans* para protestos em situações especiais. Nem por isso o corpo humano passa a ser um suporte convencional. Ele continuará sendo um suporte incidental, que vai variar de acordo com as culturas. Nas culturas indígenas, os corpos são muitas vezes os “suportes semióticos” mais convencionais em situações de festa ou de cerimônias especiais. Mas isso pela circunstância de não terem outros suportes específicos nem disporem da escrita convencional em alguma de suas formas.

(5) Paredes

Todo tipo de parede está aqui incluído. Podem ser paredes de casas, edifícios ou mesmo de interiores como universidades, escola etc. Esses suportes operam muitas vezes em um contínuo como no caso de suportarem um quadro de avisos que é o suporte de gêneros.

(6) Muros

Hoje em dia parece que os muros estão se tornando suportes convencionais para alguns gêneros textuais tais como as propagandas políticas. Eles servem para inscrições, propagandas, publicidades e pichações em geral. São textos pouco desenvolvidos, mas de grande eficácia comunicativa. Mesmo que os muros sejam usados como suportes em grande escala, eles não são convencionados para essa finalidade como as revistas, os jornais e os livros.

(7) Paradas de ônibus

Imagino que as paradas de ônibus estão sendo tomadas como bons locais para afixar ou mesmo inscrever textos pela sua condição estratégica como ambiente favorável à comunicação em grade escala. São locais muito visíveis e quando há alguma parede ou um muro, comportam vários gêneros. Eles são para o grande público. Ali encontramos campanhas ou publicidades de apelo geral como carros, apartamentos, produtos de beleza e outros, mas não de supermercados nem de produtos perecíveis.

(8) Estações de metrô

Embora as estações de metrô sejam do mesmo estilo que a *parada de ônibus*, são sempre maiores e com mais possibilidade de gêneros. Tem algo de similar com paredes e muros quanto aos gêneros que comportam, mas há

ainda quadros de avisos e cartazes ou outros suportes que estão nelas afixados, o que lhes dá um caráter diferenciado nem sempre ligado à idéia de suporte de gêneros e sim de suporte de suportes.

(9) Calçadas

Hoje as calçadas passaram a ser locais para inscrições, tal como se institui a *calçada da fama*, em que pessoas famosas põem a impressão de seus pés e a inscrição de seus nomes. Esse suporte em geral porta textos curtos e permanentes.

(10) Fachadas

As fachadas de prédios, em geral de grandes extensões, são similares a paredes, mas ficam sempre de frente para grandes locais de circulação pública e portam inscrições maiores com gêneros de curta extensão. Na maioria das vezes, são logomarcas ou os nomes de empresas, marcas de grandes produtos.

(11) Janelas de ônibus (meios de transporte em geral)

De alguns tempos para cá, as janelas de ônibus, em especial a parte traseira, tornaram-se um suporte de publicidades e campanhas governamentais. Mas isso não é comum e não tem regularidade. Trata-se de um suporte muito incidental.

EXEMPLOS DE SERVIÇOS EM FUNÇÃO DA ATIVIDADE COMUNICATIVA: os casos abaixo não devem ser situados entre os suportes textuais, sejam os incidentais ou os convencionais. A tendência é vê-los como serviços.

(1) Correios

Os correios são menos um suporte e mais um meio de transporte ou um serviço. É muito diferente do caso da revista e do jornal. Quanto a isso, seria interessante discutir se o telefone e os correios formam um conjunto de suportes-meio diversos da televisão e do rádio.

(2) (Programa de) E-mail

Aqui está um caso curioso, pois se tomarmos o programa *Outlook*, por exemplo, teremos sem dúvida um suporte do tipo “*correio eletrônico*”, mas se tomarmos os e-mails enquanto correlatos das cartas pessoais, teremos um gênero. Neste caso, trato a palavra e-mail como se fosse uma homonímia, ou seja, um termo com duas acepções tanto de origem como de função. Contudo, o e-mail na função de correio eletrônico é nitidamente um serviço que transporta os mais variados gêneros, tais como propagandas, ofícios, bilhetes, e-mails, cartas comerciais, relatórios, artigos científicos e assim por diante. Não obstante isso,

hoje a idéia mais comum em relação aos e-mails é que sejam vistos como um gênero da área epistolar, assim como observou Juliana de Assis (2002).

(3) Mala-direta

A mala-direta se assemelha a um *serviço* e deveria ser tratada como tal. No geral, a mala-direta veicula gêneros diversos do domínio discursivo da publicidade até a comunicação entre empresas e remessa de documentos a clientes de empresas. A expressão '*mala-direta*', quando empregada pelos Correios, é apenas uma designação para um *suporte*, mas enquanto empregada por uma empresa pode ser até mesmo a designação de um gênero, como o caso de uma *carta de aniversário*. O caso merece um estudo à parte pela complexidade. Há malas diretas para pessoas (uma *carta de aniversário* que o gerente do banco manda no seu aniversário); há malas diretas para 10.000 pessoas (as cartas que recebemos de um candidato a deputado); há malas diretas com publicidades de empresas (as promoções de uma loja) e assim por diante. Mas há casos muito mais complexos do que estes sendo chamados de mala direta.

(4) Internet

Trata-se de mais um caso-limite. Pessoalmente, trato a internet como um suporte que alberga e conduz gêneros dos mais diversos formatos. A internet contém todos os gêneros possíveis.

(5) Homepage e site

Para alguns autores, a *homepage* e até mesmo o *site* são um gênero, mas para outros são um suporte. Creio que, de modo geral, a *homepage* é um gênero bem estabelecido, mas o *site* é um suporte e não um gênero. Além disso, parece claro que a *homepage* institucional carrega uma série de gêneros. Basta observar a *homepage* de qualquer universidade para ver a diversidade de coisas feitas ali dentro. Entre outras coisas, está ali a possibilidade da matrícula de alunos *on-line*. Se tomarmos o *site* de algum servidor da internet como o UOL, vemos que se trata de um *serviço* ou suporte de outros suportes, já que ali estão revistas, jornais e livros.

2.9 Análise dos gêneros na oralidade

Neste momento, vou me ater aos gêneros textuais falados, uma área na qual os estudos não são abundantes. Observe-se que o estudo da classificação

das interações verbais orais é bem mais recente e menos sistemático que a classificação dos textos escritos. Quanto a isso, a lingüista alemã Elizabeth GÜlich (1986) dedica-se à análise das condições empíricas para a determinação dos gêneros textuais orais. A relevância da investigação dos gêneros textuais reside, segundo GÜlich (1986: 18), no fato de serem usados pelos participantes da comunicação lingüística como parte integrante de seu conhecimento comum.

Nesse sentido, um gênero seria uma noção cotidiana usada pelos falantes que se apóiam em características gerais e situações rotineiras para identificá-lo. Tudo indica que existe um saber social comum pelo qual os falantes se orientam em suas decisões acerca do gênero de texto que estão produzindo ou que devem produzir em cada contexto comunicativo. Esses gêneros não surgem naturalmente, mas se constroem na interação comunicativa e são fenômenos sociointerativos.

Para os lingüistas alemães Heinemann & Viehweger (1991: 110), os falantes dispõem de um “*conhecimento específico sobre estruturas textuais globais*” que lhes possibilita determinar um certo texto como membro de uma classe mais geral. Isso quer dizer que os falantes têm uma idéia bastante clara das estratégias de produção de uma narrativa, de um comentário etc.

Apesar de ser intuitivo e pouco sistemático, este não deixa de ser um conhecimento social cuja observância esperamos de todos os parceiros de comunicação. Essa competência classificatória “ingênua” opera com muita precisão em todas as situações diárias e permite que expressemos juízos de valor quanto à adequação dos textos produzidos. Apesar disso, lembra Steger, sabemos muito pouco a respeito das razões da diversidade de gêneros textuais que encontramos pela frente.

Segundo lembram Heinemann & Viehweger (1991: 111), os falantes lançam mão de conhecimentos de três grandes sistemas cognitivos para processar seus textos. Essas três esferas do saber são:

- i. *saber lingüístico*
- ii. *saber enciclopédico*
- iii. *saber interacional*

Não se tem uma noção muito clara de como se organiza cada um desses saberes, mas é certo que eles não agem de forma sucessiva e sim interativamente. Mas eles não são uma espécie de “depósito de conhecimentos” do qual os falantes lançam mão. São processadores que operam como mecanismos que ativam a produção.

É muito comum que, com base nesses conhecimentos, os interlocutores especifiquem o gênero de texto que estão produzindo durante sua fala, como observou Gülich (1986: 21). Assim, ouvimos com frequência as pessoas dizerem:

<ul style="list-style-type: none"> – no <i>telefonema</i> de ontem... – na <i>aula</i> de hoje... – nessa <i>discussão</i>... – minha <i>conferência</i> foi... – o <i>debate</i> de ontem... 	<ul style="list-style-type: none"> – o <i>bate-boca</i> daquela noite... – a <i>piada</i> do dia é a seguinte... – a <i>reportagem</i> de ontem... – aquela <i>transmissão de futebol</i>... – o <i>noticiário</i> desta noite...etc.
--	--

Essas designações, além de suporem conhecimentos globais, não são precisamente conhecimentos tipológicos no sentido técnico do termo. Muitas vezes essas formas textuais têm marcas lingüísticas mais ou menos estereotipadas identificáveis desde o início. Assim é o caso das formas abaixo e outras marcas bastante conhecidas facilmente identificadas.

<ul style="list-style-type: none"> – “<i>era uma vez ...</i>” (abertura de narrativa) – “<i>prezado amigo</i>” (abertura de uma carta) – “<i>conhece aquela do português que...</i>” (piada) – “<i>eu o condeno a cinco anos</i>” (julgamento em tribunal) 	<ul style="list-style-type: none"> – “<i>tome dois quilos de açúcar e adicione...</i>” (receita de bolo) – “<i>alô, quem é?</i>” (telefonema) – “<i>o tema de hoje será a Revolução Francesa</i>” (conferência) – “<i>atenção, silêncio</i>” (aviso)
--	--

Muitas delas são fórmulas históricas surgidas ao longo do tempo e de práticas sociais que têm suas características específicas tanto na fala como na escrita. Daí dizer-se que os gêneros são modelos comunicativos. Servem, muitas vezes, para criar uma expectativa no interlocutor e prepará-lo para determinada reação. Operam prospectivamente preparando o caminho da compreensão, como muito bem frisou Bakhtin (1979).

Para Gülich (1986: 28), os interlocutores seguem em geral três critérios para designarem seus textos:

- a) canal / meio de comunicação (telefonema, telegrama)
- b) critérios formais (conto, debate, contrato, ata, poema)
- c) natureza do conteúdo (piada, prefácio de livro, comentário)

Contudo, isso não chega a oferecer critérios para formar uma classificação geral. O lingüista inglês Douglas Biber (1988: 170) lembra que os gêneros são geralmente determinados com base nos objetivos dos falantes e na

natureza do tópico tratado, sendo assim uma questão de uso e não de forma. Mas seria possível pensar numa determinação tipológica fundada em categorias internas, ou seja, de natureza formal e lingüística.

Talvez pudéssemos propor uma máxima de adequação tipológica segundo a qual deveria haver, em cada gênero textual, uma relação estreita entre:

- natureza da informação
- nível de linguagem
- tipo de situação
- relação entre os participantes
- natureza dos objetivos

É provável que essa relação obedeça a parâmetros de relativa rigidez (rotina social) em cada contexto cultural e social, de maneira que sua inobservância pode acarretar problemas. Nesse sentido, os indicadores aqui levantados serviriam para identificar as condições de adequação tipológica. Como os gêneros independem de decisões individuais e não são facilmente manipuláveis, eles operam como geradores de expectativas de compreensão mútua. Em suma: os gêneros textuais não são fruto de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas na ação languageira.

Também poderia ser estabelecida uma certa correlação entre gêneros textuais e formas de condução dos tópicos discursivos. Assim, no caso de um debate ou de uma conferência caberiam observações do tipo:

“Gostei porque ele se ateu ao tema do começo ao fim”.

“Não gostei porque ele divagou demais e toda hora entrava noutros temas.”

No entanto, já não se poderia dizer o mesmo a respeito de uma conversação realizada durante um encontro casual num bar da esquina. Seria até estranho que alguém dissesse o seguinte a propósito de uma conversa de bar:

“Não gostei porque eles não aprofundavam os temas e variavam demais”.

Eventos com definição temática restringem as digressões e forçam o cumprimento de uma agenda de assuntos. Já eventos sem definição temática permitem maior maleabilidade na evolução da agenda de assuntos. Contudo, vale salientar que constitui uma questão aberta se os gêneros textuais são universais ou se cada cultura e sociedade produz seus gêneros específicos. Como os gêneros textuais não só refletem, mas constituem as práticas sociais, é de supor que também haja variações culturalmente marcadas quanto às formas produzidas, já que as culturas são diversas em sua constituição.

2.10A análise de gêneros textuais na relação fala e escrita

Um dos aspectos fascinantes e pouco esclarecidos nesse quadro é o que diz respeito à correlação dos gêneros textuais com a fala e a escrita. Parece que o contínuo verificado entre a fala e a escrita também tem seu correlato no contínuo dos gêneros textuais enquanto forma de representação de ações sociais. Se observarmos a questão sob esse ângulo, veremos que a comparação entre fala e escrita suscita novas hipóteses para a análise do fenômeno.

Como os gêneros textuais ancoram na sociedade e nos costumes e ao mesmo tempo são parte dessa sociedade e organizam os costumes, podem variar de cultura para cultura. Muitas vezes, refletem situações sociais peculiares com um componente de adequabilidade estrutural, mas há um forte componente de caráter sociocomunicativo. Assim, deve-se levar em conta o aspecto que diz respeito ao uso comunicativo dos diversos gêneros como determinante de formas estruturais.

190 É sabido que as atividades comunicativas são uma das formas de organização da sociedade e condicionam boa parte das demais ações praticadas em sociedade. Tal como lembram Bergmann e Luckmann (1995: 297), um dos traços freqüentes nos gêneros é “um estoque comum de conhecimentos diários sobre normatividade e reputação social da atividade comunicativa prescritos e moldados pelos gêneros”. Isto faz com que tenhamos uma noção clara do que convém ou não convém em determinados momentos. Nesse sentido, os gêneros estão muitas vezes “imbuídos de valores” e “são muito mais do que guias neutros para a realização de certas atividades comunicativas” (p. 297).

Essa questão diz respeito também à distribuição dos gêneros na sociedade. Tal como frisava Bakhtin (1979), os gêneros são apreendidos no curso de nossas vidas como membros de alguma comunidade. Nesse caso, os gêneros são padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas. Sociedades tipicamente orais desenvolvem certos gêneros que se perdem em outras tipicamente escritas e penetradas pelo alto desenvolvimento tecnológico. É assim que em centros urbanos sofisticados são quase desconhecidos gêneros como os *cantos de guerra* indígenas, os *cantos medicinais* dos pajés ou as *benzeções* das rezadeiras, os

lamentos das carpideiras. Tudo isso surge naquelas sociedades como práticas culturais rotineiras, tal como o *editorial* de um jornal diário ou uma *bula de remédio* em nossas sociedades.

Uma *carta pessoal*, um *bilhete casual*, um *telefonema pessoal* e uma *conversa-ção espontânea* têm uma série de aspectos em comum que tanto se revelam nas seleções morfossintáticas, como na natureza do léxico e no grau de monitoramento da enunciação. São gêneros comparáveis e apresentam traços comuns que não necessariamente precisam revelar-se na materialidade lingüística.

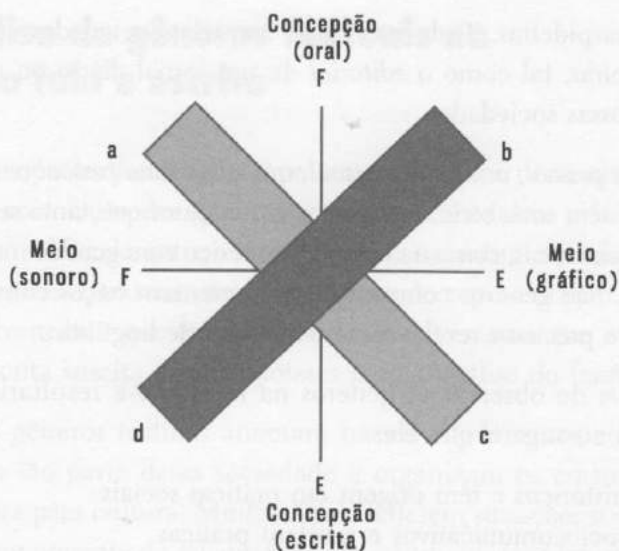
A tentativa de observar os gêneros na relação F-E resultaria uma visão antidicotômica ao sugerir que eles:

1. são históricos e têm origem em práticas sociais
2. são sociocomunicativos e revelam práticas
3. estabilizam determinadas rotinas de realização
4. tendem a ter uma forma característica
5. nem tudo neles pode ser definido sob o aspecto formal
6. sua funcionalidade lhes dá maleabilidade e definição
7. são eventos com contrapartes tanto orais como escritas.

Aspecto central nesta questão é a impossibilidade de situar a oralidade e a escrita em sistemas lingüísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema da língua. São realizações de uma gramática única, mas, do ponto de vista semiológico, podem ter peculiaridades com diferenças bem acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala. Portanto, não postulamos uma simetria de representação entre fala e escrita, mas uma relação sistêmica no aspecto central das articulações estritamente lingüísticas.

O gráfico a seguir, produzido com base em sugestões colhidas em Koch & Oesterreicher (1990)⁹, representa as mesclagens dos gêneros na relação fala-escrita, considerando-se as condições de produção (concepção) e recepção oral e escrita (aspecto medial, gráfico ou fônico). Essa visão deve ser tomada com cautela porque tem alguns inconvenientes de ainda situar a observação em patamares que podem conduzir a uma percepção que continua dicotômica. Assim, apresento aqui a sugestão com esta ressalva,

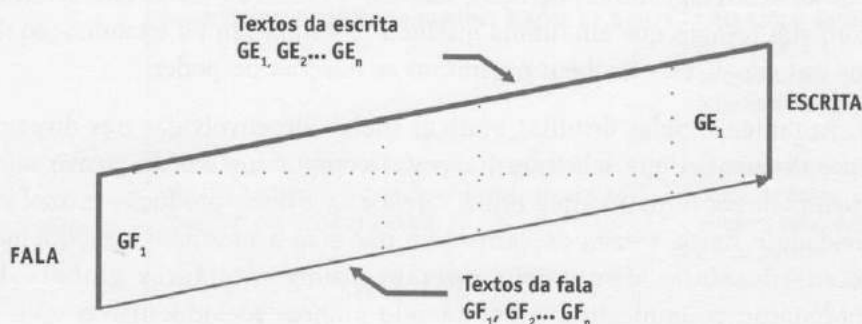
9. Peter Koch; Wulf Oesterreicher (1990). *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Max Niemeyer, pp. 8-17.



Nesta representação, temos em [a] o domínio do tipicamente falado quanto ao meio e quanto à concepção, que é a produção original. Já a sua contraparte seria o domínio [c] correspondente ao tipicamente escrito. Por outro lado, tanto [b] como [d] seriam os domínios mistos das mesclagens de modalidades. Note-se que a concepção diz respeito à versão original e o meio diz respeito ao modo de recepção. Se formos fazer uma análise mais fina, teremos que distinguir os pesos dessas duas maneiras de contemplar o texto.

Uma observação terminológica deve ser aqui feita para evitar mal-entendidos a respeito do que se tem em mente com as expressões “*concepção oral*” e “*concepção escrita*”. Não se trata de postular que o texto é concebido oralmente ou concebido por escrito sob o ponto de vista cognitivo, mas que a forma original de sua produção é escrita ou oral. Assim, a expressão “*concepção*” aponta para a natureza do meio em que o texto foi originalmente expresso ou exteriorizado. É assim que um poema declamado não se torna uma linguagem falada no ato da declamação e sim um texto escrito *oralizado*, já que sua concepção foi no formato escrito. Com base nessa sugestão, defendo que *o som não é uma condição suficiente para a definição da língua falada*. O som é apenas uma condição necessária da oralidade, pois sem ele, seguramente não teremos língua oral, mas não suficiente. Portanto, a concepção (oral ou escrita) indica o meio originário de produção, mas não a natureza do ato cognitivo de criação, já que seria inoportuno postular que se possa conceber textos por escrito ou oralmente sob o ponto de vista cognitivo. O quadro abaixo revela os cruzamentos possíveis, tomando-se quatro gêneros:

Gênero textual	Meio		Concepção	
	Sonoro	Gráfico	Oral	Escrita
Conversação espontânea [a]	X		X	
Texto científico [c]		X		X
Noticiário de tv [d]	X			X
Entrevista publicada na <i>Veja</i> [b]		X	X	



Outra maneira de ver as relações de complementaridade seria na grade do contínuo de gêneros já proposta quando analisamos a relação fala e escrita [UNIDADE 1]. Nessa forma de representar as relações entre língua falada e língua escrita, temos uma visão contínua que se dá na comparação com gêneros textuais tal como representada acima.

No gráfico, observa-se que tanto a fala como a escrita se dão em dois *continua*:

- na linha dos diversos gêneros textuais ($GF_1, GF_2... GF_n$; $GE_1, GE_2... GE_n$)
- na linha das características específicas de cada modalidade.

211 Domínios discursivos e gêneros textuais na oralidade e na escrita

Partindo das reflexões feitas até aqui, podemos tentar várias distribuições sistemáticas dos gêneros, o que não significa que estejamos fazendo classificações. Mas será difícil decidir por uma ou outra delas, tendo em vista a diversidade de critérios. Seguindo alguns critérios gerais e subdividindo a produção textual entre fala e escrita, poderíamos sugerir um quadro geral bastante amplo com denominações variadas que se submeteriam a uma análise como a que fizemos no item anterior.

Já vimos que os textos situam-se em domínios discursivos que produzem contextos e situações para as práticas sociodiscursivas características. Tal como

exposto acima, entendemos como *domínio discursivo* uma esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica etc.) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão. Assim, os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que em última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais. E eles também organizam as relações de poder.

É justamente pelas distintas práticas sociais desenvolvidas nos diversos domínios discursivos que sabemos que nosso comportamento discursivo num circo não pode ser o mesmo que numa igreja e que nossa produção textual na universidade e numa revista de variedades não será a mesma. Conseqüentemente, os domínios discursivos operam como enquadres globais de superordenação comunicativa, subordinando práticas sociodiscursivas orais e escritas que resultam nos gêneros.

O quadro geral que se segue é uma tentativa de distribuição dos gêneros da oralidade e escrita no enquadre dos respectivos domínios discursivos. Resta dizer que muitos gêneros são comuns a vários domínios. Vejamos uma breve relação que não é definitiva nem representativa.

GÊNEROS TEXTUAIS POR DOMÍNIOS DISCURSIVOS E MODALIDADES

DOMÍNIOS DISCURSIVOS	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE
INSTRUCIONAL (científico, acadêmico e educacional)	artigos científicos; verbetes de enciclopédias; relatórios científicos; notas de aula; nota de rodapé; diários de campo; teses; dissertações; monografias; glossário; artigos de divulgação científica; tabelas; mapas; gráficos; resumos de artigos de livros; resumos de livros; resumos de conferências; resenhas; comentários; biografias; projetos; solicitação de bolsa; cronograma de trabalho; organograma de atividade; monografia de curso; monografia de disciplina; definição; autobiografias; manuais de ensino; bibliografia; ficha catalográfica; memorial; curriculum vitae; parecer técnico; verbete; parecer sobre tese; parecer sobre artigo; parecer sobre projeto; carta de apresentação; carta de recomendação; ata de reunião; sumário; índice remissivo; diploma; índice onomástico; dicionário; prova de língua; prova de vestibular; prova de múltipla escolha; diploma; certificado de especialização; certificado de proficiência; atestado de participação; epígrafe	conferências; debates; discussões; exposições; comunicações; aulas participativas; aulas expositivas; entrevistas de campo; exames orais; exames finais; seminários de iniciantes; seminários avançados; seminários temáticos; colóquios; prova oral; arguição de tese; arguição de dissertação; entrevista de seleção de curso; aula de concurso; aulas em vídeo; aulas pelo rádio; aconselhamentos

Jornalístico	editoriais; notícias; reportagens; nota social; artigos de opinião; comentário; jogos; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas; crônica policial; crônica esportiva; entrevistas jornalísticas; anúncios classificados; anúncios fúnebres; cartas do leitor; carta ao leitor; resumo de novelas; reclamações; capa de revista; expediente; boletim do tempo; sinopse de novela; resumo de filme; cartoon; caricatura; enquete; roteiros; errata; charge; programação semanal; agenda de viagem	entrevistas jornalísticas; entrevistas televisivas; entrevistas radiofônicas; entrevista coletiva; notícias de rádio; notícia de tv; reportagens ao vivo; comentários; discussões; debates; apresentações; programa radiofônico; boletim do tempo
Religioso	orações; rezas; catecismo; homilias; hagiografias; cânticos religiosos; missal; bulas papais; jaculatórias; penitências; encíclicas papais	sermões; confissão; rezas; cantorias; orações; lamentações; benzeções; cantos medicinais
Saúde	receita médica; bula de remédio; parecer médico; receitas caseiras; receitas culinárias	consulta; entrevista médica; conselho médico;
Comercial	rótulo; nota de venda; fatura; nota de compra; classificados; publicidade; comprovante de pagamento; nota promissória; nota fiscal; boleto; boletim de preços; logomarca; comprovante de renda; carta comercial; parecer de consultoria; formulário de compra; carta-resposta; comercial; memorando; nota de serviço; controle de estoque; controle de venda; copyright; bilhete de avião; bilhete de ônibus; carta de representação; certificado de garantia; atestado de qualidade; lista de espera; balanço comercial	publicidade de feira; publicidade de TV; publicidade de rádio; refrão de feira; refrão de carro de venda de rua
Industrial	instruções de montagem; descrição de obras; código de obras; avisos; controle de estoque; atestado de validade; manuais de instrução	ordens
Jurídico	contratos; leis; regimentos; estatutos; certidão de batismo; certidão de casamento; certidão de óbito; certidão de bons antecedentes; certidão negativa; atestados; certificados; diplomas; normas; regras; pareceres; boletim de ocorrência; edital de convocação; edital de concurso; aviso de licitação; auto de penhora; auto de avaliação; documentos pessoais; requerimento; autorização de funcionamento; alvará de licença; alvará de soltura; alvará de prisão; sentença de condenação; citação criminal; mandado de busca; decreto-lei; medida provisória; desmentido; editais; regulamentos; contratos; advertência	tomada de depoimento; arguição; declarações; exortações; depoimento; inquérito judicial; inquérito policial; ordem de prisão

Publicitário	propagandas; publicidades; anúncios; cartazes; folhetos; logomarcas; avisos; necrológios; outdoors; inscrições em muros; inscrições em banheiros; placas; endereço postal; endereço eletrônico; endereço de internet	publicidade na tv; publicidade no rádio
Lazer	piadas; jogos; adivinhas; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas; horóscopo	fofocas; piadas; adivinhas; jogos teatrais
Interpessoal	cartas pessoais; cartas comerciais; cartas abertas; cartas do leitor; cartas oficiais; carta-convite; cartão de visita; e-mail; bilhetes; atas; telegramas; memorandos; boletins; relatos; agradecimentos; convites; advertências; informes; diário pessoal; aviso fúnebre; volantes; lista de compras; endereço postal; endereço eletrônico; autobiografia; formulários; placa; mapa; catálogo; papel timbrado	recados; conversações espontâneas; telefonemas; bate-papo virtual; convites; agradecimentos; advertências; avisos; ameaças; provérbios
Militar	ordem do dia; roteiro de cerimônia oficial; roteiro de formatura; lista de tarefas	ordem do dia
Ficcional	épica – lírica – dramática; poemas diários; contos; mito; peça de teatro; lenda; parlendas; fábulas; histórias em quadrinhos; romances; dramas; crônicas; roteiro de filme	fábulas; contos; lendas; poemas; declamações; encenações

Esta lista é reveladora de um aspecto singular: há domínios discursivos mais produtivos em diversidade de formas textuais e outros mais resistentes. Além disso, se fôssemos fazer este quadro considerando culturas diversas, teríamos grandes surpresas. Pois há culturas em que a situação se inverteria totalmente em relação ao que se tem nesses quadros. Por fim, parece que hoje há mais gêneros textuais na escrita que na fala.

212 Distribuição dos gêneros no *continuum* da relação fala-escrita

No quadro a seguir, tomam-se os critérios definidos acima para a correlação entre fala e escrita no contexto do contínuo em sobreposição dos gêneros textuais. A rigor, trata-se da mesma proposta feita, mas agora com uma tentativa de agrupar os gêneros e indicá-los ao longo do contínuo.

O valor de um quadro geral como o proposto acima acha-se na possibilidade de relações mais do que intuitivas. Um aspecto interessante é o que se dá no

DISTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS DE USO FALADOS E ESCRITOS NO CONTÍNUO GENÉRICO



círculo intermediário que envolve alguns gêneros (intermodais?) que são de difícil localização em uma ou outra modalidade de maneira muito clara. Trata-se dos chamados gêneros mistos ou híbridos sob o ponto de vista da modalidade

2.13 Os gêneros emergentes na mídia virtual e o ensino

Mais do que em qualquer outra época, hoje proliferam gêneros novos dentro de novas tecnologias, particularmente na mídia eletrônica (digital). Diante disso, vale indagar-se se a escola deverá amanhã se ocupar de como se produz um *e-mail* e outros gêneros do discurso do mundo virtual ou se isso não é sua atribuição. Pode a escola tranquilamente continuar ensinando como se escreve cartas e como se produz um debate face a face? Será que o modelo de interação face a face proposto por Sacks, Schegloff e Schiffrin nos anos 1970 já deve ser revisto em pontos essenciais, considerando-se a presença nos bate-papos?

Em princípio, é possível concordar com Tom Erickson (1997), para quem o estudo da comunicação virtual na perspectiva dos gêneros é particularmente interessante porque “a interação *on-line* tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros”, tendo em vista a natureza do meio tecnológico e os modos como se desenvolve. Esse meio propicia, ao contrário do que se imaginava, uma “interação altamente participativa”, o que obrigará a rever algumas noções já consagradas.

Se tomarmos o gênero enquanto texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, “relativamente estável” do ponto de vista estilístico e composicional, servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social, é fácil perceber que um novo meio tecnológico, que interfere em boa parte dessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido. Tomemos o gênero mais praticado no nosso dia-a-dia, a *conversação espontânea* realizada face a face, e pensemos na descrição oferecida por Sacks, Schegloff e Schiffrin (1974). Tentemos agora aplicar essa descrição a um bate-papo *on-line*. Que aspectos da relação face a face transferem-se para o novo meio? Qual a interferência do anonimato mantido num apelido (*nickname*)? O que muda quando a relação *interpessoal* passa a ser uma relação *hiperpessoal*, como no caso de um *bate-papo em aberto*? Não é propriamente a estrutura que se reorganiza, mas o quadro que forma a noção do gênero. Em suma: muda o gênero.

Não obstante essas ponderações, é bom ter cautela quando se afirma que algo de novo está acontecendo em relação à linguagem, pois faz muitíssimo tempo que o ser humano fala e bastante tempo que escreve. A idéia de que a

cada nova tecnologia, como lembra David Crystal (2001: 2), o mundo todo se renova por completo, é uma ilusão que logo desaparece. Novidades podem até acontecer, mas com o tempo percebe-se que não era tão novo aquilo que foi tido como tal. E, particularmente suas influências não foram tão devastadoras ou tão espetaculares como se imaginava. Daí a pergunta: quanto de novo vem por aí com a *internet* nos nossos vídeos?

Justamente por não encontrar grandes respostas para essa questão, Crystal escreveu seu livro *A linguagem e a internet*, na tentativa de descobrir algo sobre “o papel da linguagem na internet e o efeito da internet na linguagem” (2001: viii). Quanto a isso, para o autor, sumariamente, três aspectos podem ser frisados:

- (1) do ponto de vista da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semi-alfabética;
- (2) do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio;
- (3) do ponto de vista dos gêneros realizados, a *internet* transmuta de maneira bastante radical gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos. Contudo, um fato é incontestável: a *internet* e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet a escrita continua essencial.

Tudo indica, ainda segundo Crystal (2001), que a *internet* seja menos uma revolução tecnológica do que uma revolução dos modos sociais de interagir lingüisticamente. Pode-se dizer que o discurso eletrônico ainda se acha em estado meio selvagem e indomado sob o ponto de vista lingüístico e organizacional. O próprio estado de anonimato dos bate-papos favorece o lado instintivo, desde a escolha do apelido até as decisões lingüísticas, estilísticas e liberalidades quanto ao conteúdo. Trata-se de uma estética em busca de seu cânon, se é que isso ainda pode acontecer.

De maneira geral, a *comunicação mediada por computador* abrange todos os formatos de comunicação e os respectivos gêneros que emergem nesse contexto. Futuramente, é provável que a expressão *internet* assuma a carga semântica e pragmática do sistema completo, já que se trata da rede mundial de comunicação ininterruptamente interconectada a todos os computadores ligados a ela. Analisa, de modo particular, um conjunto específico de novos gêneros textuais, desenvolvidos no contexto da hoje denominada *mídia virtual*, identificada centralmente na tecnologia computacional a partir das três últimas décadas do século XX. Daí surge um novo tipo de comunicação co-

nhecido como *comunicação mediada por computador (CMC)* ou *comunicação eletrônica*, que desenvolve uma espécie de “*discurso eletrônico*”.

A relevância de se tratar desses gêneros textuais reside em pelo menos quatro aspectos:

- (1) são gêneros em franco desenvolvimento e fase de fixação com uso cada vez mais generalizado;
- (2) apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contrapartes em gêneros prévios;
- (3) oferecem a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade;
- (4) mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita, o que nos obriga a repensá-la.

Para melhor compreensão do problema e para que a análise tenha mais autonomia, introduzimos, inicialmente, alguns conceitos com elementos teóricos e metodológicos. O tema em si — *gêneros textuais* — não é novo e vem sendo tratado desde os anos 1960, quando surgiram a lingüística de texto e a análise conversacional, mas o enfoque dado aqui com atenção particular aos gêneros textuais no domínio da mídia virtual é mais recente e carece ainda de trabalhos, embora já apareçam estudos específicos¹⁰ sobre esse novo modo discursivo também denominado “*discurso eletrônico*”.

Entremos agora na análise dos gêneros emergentes nesses ambientes. Desconheço levantamentos exatos de quantos gêneros poderiam ser identificados na mídia virtual e ignoro se já há uma designação consagrada para os mesmos¹¹. Também deixo claro que esta listagem é uma amostra e não uma relação exaustiva, pois pode haver mais gêneros, além de lhes serem dadas outras definições e caracterizações. De todo modo, entre os gêneros mais conhecidos e que vêm sendo estudados no momento, podemos situar pelo menos estes (com designações tentativas):

10. Torna-se imperativo citar aqui o livro *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*, recentemente organizado e editado por Vera Menezes (FALE-UFMG, Belo Horizonte, 2001) com uma série de textos, a maioria deles referida ao longo deste trabalho.

11. Não gostaria que se tomassem os nomes aqui dados aos gêneros como designações definitivas. Na primeira versão deste estudo, citada por muitos que a ela tiveram acesso, eu denominava “*bate-papos educacionais*” o que agora chamo de “*chats educacionais*”, termo que vem se consagrando. Também prefiro hoje o nome “*conversações chat*” ou apenas “*chat*” ao invés de “*bate-papos virtuais*”.

1. e-mail¹² — correio eletrônico com formas de produção típicas e já padronizadas. Inicialmente um serviço (*electronic mail*), resultou num gênero (surgiu em 1972/3 nos EUA e esta hoje entre os mais praticados na escrita).
2. chat em aberto (bate-papo virtual em aberto — *room-chat*)¹³ — inúmeras pessoas interagindo simultaneamente em relação síncrona e no mesmo ambiente. Surgiu como IRC na Finlândia em 1988.
3. chat reservado (bate-papo virtual reservado) — variante dos *room-chats* do tipo (2) mas com as falas pessoais acessíveis apenas aos dois interlocutores mutuamente selecionados, embora possam continuar vendo todos os demais em aberto.
4. chat agendado (bate-papo agendado - ICQ) — variante de (3), mas com a característica de ter sido agendado e oferecer a possibilidade demais recursos tecnológicos na recepção e envio de arquivos.
5. chat privado (bate-papo virtual em salas privadas) — são os bate-papos em sala privada com apenas os dois parceiros de diálogo presentes; uma espécie de variação dos bate-papos de tipo (2).
6. entrevista com convidado — forma de diálogo com perguntas e respostas num esquema diferente dos dois anteriores.
7. e-mail educacional (aula virtual) — interações com número limitado de alunos tanto no formato de *e-mail* ou de *arquivos hipertextuais* com tema definido em contatos geralmente assíncronos.
8. aula chat (chat educacional) — interações síncronas no estilo dos *chats* com finalidade educacional, geralmente para tirar dúvidas, dar atendimento pessoal ou em grupo e com temas prévios.
9. vídeoconferência interativa — realizada por computador e similar a uma interação face a face; uso da voz pela rede de telefonia ou a cabo.
10. lista de discussão (*mailing list*) — grupo de pessoas com interesses específicos, que se comunicam em geral de forma assíncrona, mediada por um responsável que organiza as mensagens e eventualmente faz triagens.
11. endereço eletrônico (o endereço eletrônico, seja o pessoal para e-mail ou para a *home-page*, tem hoje características típicas e é um gênero).

12. Note-se que o termo já vem sendo dicionarizado nessa forma tanto pelo *Dicionário Aurélio Século XXI*, como pelo *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0*. Assim, não traduzo para “correio eletrônico”, como seria o normal fazê-lo.

13. Os gêneros denominados *chats* são na realidade *bate-papos virtuais* em tempo real (*on-line*) e provém de um programa ou sistema chamado IRC (*Internet Relay Chat*). Existem muitos sistemas desses. Quanto ao ICQ (*I Seek You*) e os MUDs (*Multiple User Domains*), trata-se de variações que aqui não serão distinguidas de maneira sistemática, já que variam apenas como formas operacionais de programar as falas e estabelecer os contatos, mas a produção textual não varia substantivamente, a não ser quando se trata de mostrar a natureza dos diálogos. Também chamo atenção para o fato de o termo já se achar dicionarizado tanto no *Aurélio* como no *Houaiss*. Neste, lemos, para o verbete *chat*, o seguinte: “*forma de comunicação à distância, utilizando computadores ligados à internet, na qual o que se digita no teclado de um deles aparece em tempo real no vídeo de todos os participantes do bate-papo*”.

12. *weblog* (blogs; diários virtuais) — são os diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos.

Entre os mais praticados estão os *e-mails*, os *chats* em todas as modalidades, *listas de discussão* e *weblogs* (*diários*). Hoje começam a se popularizar também as *aulas chat* e por *e-mail* no ensino a distância. Em todos esses gêneros, a comunicação se dá pela linguagem escrita. Como veremos, essa escrita tende a uma certa informalidade, menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo.

Em certos casos, esses gêneros emergentes parecem projeções ou “transmutações” de outros como suas contrapartes prévias, o que sugere a pergunta de se os *designers* de *softwares* seguiram padrões preexistentes como base para a moldagem de seus programas. Como os novos gêneros só são possíveis dentro de determinados programas, parece que a resposta deve ser sim¹⁴. Mas não devemos confundir um programa com um gênero, pois mesmo diante da rigidez de um programa, não há rigidez nas estratégias de realização do gênero como instrumento de ação social. O que se deveria investigar é qual a real novidade das práticas e não a simples estrutura interna ou a natureza da linguagem.

Por exemplo: nos *bate-papos virtuais abertos*, são construídas identidades sociais muito diversas das que se constroem nas *conversações face a face*. Esse aspecto não está nos domínios de controle de nenhum engenheiro de *software*. O engenheiro pode, quando muito, controlar a ferramenta conceitual, mas não os usos e, muito menos os usuários. Isso significa que os usos não podem ser controlados em toda a sua extensão pelo sistema. Assim ocorre também com as línguas naturais de um modo geral. Embora haja um sistema lingüístico subjacente a cada língua, ele não impede a variação. As variações não são aleatórias e sim sistemáticas, no caso dos usos lingüísticos. Já no caso dos usos de *softwares interativos*, que fundam usos resultantes em gêneros textuais, as projeções dos engenheiros são ainda mais fracas. A rigidez do programa fica

14. Essa questão é de extrema importância e, como vimos nas palavras do engenheiro de *software*, Thomas Erickson (2000), ao explicar a construção e o funcionamento do programa BABBLE, os *designers* tiveram como modelo-padrão os gêneros prévios que compõem aquele programa. Assim, um *chat* seguiria as estratégias de produção dialógica de uma conversação com simulação das atividades ali desenvolvidas. Mais adiante, nos reportaremos a este aspecto ao tratarmos dos *chats* em ambientes abertos. Outro engenheiro dessa linha de trabalho é Lyn Pemberton (2000), que em *Genre as a Structure Concept for Interaction Design Pattern Languages*, “explora a idéia de que gênero pode ser uma ferramenta conceitual útil para estruturar padrões interacionais de sublinguagens” e com isso mapear o território para a construção de *softs*. O autor toma o trabalho de Swales (1990) como ponto de partida para sua noção de gênero da “vida real”.

por conta de sua característica formulaica, já que em última análise todos os gêneros produzidos no contexto da mídia virtual têm um sabor de *formulários* mais ou menos discursivos e não de múltipla escolha.

Aspecto reiteradamente salientado na caracterização dos gêneros emergentes é o intenso uso da escrita, dando-se praticamente o contrário em suas contrapartes nas relações interpessoais não virtuais. Será isso relevante na caracterização do gênero emergente ou é um aspecto que nos leva apenas a repensar a nossa relação com a escrita e com a oralidade, mas não a relação entre ambas? Se nos dedicarmos a uma análise de detalhe dos gêneros emergentes na mídia eletrônica em geral (telefonia, rádio, televisão, internet), veremos que algumas das idéias a respeito da interação verbal deverão ser revistas. Por exemplo, a *presença física* não caracteriza a interação conversacional em si, mas sim determinados gêneros, tais como os que se dão nos encontros face a face. De igual modo, a produção oral não é necessária, mas apenas suficiente para determinar a interação verbal, pois é possível uma interação síncrona, pessoal e direta pela *escrita transmitida à distância*, o que já era em parte possível pela comunicação pelo telégrafo e pelo código Morse. Mas no caso atual há uma série de novidades que não apenas simulam, mas realizam efetivamente a interação.

Todos os gêneros aqui tratados dizem respeito a interações entre indivíduos reais, embora suas relações sejam no geral virtuais. Por isso optamos por não tratar do “gênero textual” no contexto do mundo imaginário dos MUDs (Multi-User-Dungeon). Trata-se de um programa de jogos muito conhecido nos anos 1970 e que posteriormente redundou em algo que poderia ser chamado de *Jogo de combate* ou *Luta com dragões*. Como opera numa relação com um mundo imaginário, pareceu não caber nesse contexto de análise. No caso dos MUDs, temos um tipo de relação irreal, relação com a fantasia e não com seres reais e trata-se de um jogo. Por essa razão, foi daqui excluído¹⁵.

Diante de tudo isso, é possível indagar-se que tipo de prática social emerge com as novas formas de discurso virtual pela *internet*. Pode-se falar em letramento digital, como foi inicialmente sugerido? Creio que é cedo para tanto. Mas já se pode dizer que temos novas *situações de letramento cultural*.

Tomando-se os gêneros apontados acima e seguindo-se a idéia de que eles podem representar um contínuo com base em alguns vetores, tal como já havia sido sugerido para a relação fala-escrita em Marcuschi (1997), é possível, com base na sugestão de Yates (2000: 236-236), traçar os dois gráficos abaixo como dois contínuos contrapostos.

15. Para informações mais detalhadas a respeito da linguagem e dos formatos dessas interações imaginárias, sugiro a leitura do cap. 6 de Crystal (2001), pp. 171-194.

O gráfico 1 mostra o contínuo entre alguns gêneros tradicionais na fala e escrita, tendo como vetores os eixos da comunicação síncrona *versus* comunicação assíncrona, ou seja, comunicação que se dá no tempo real (caso da comunicação face a face) e a comunicação escrita (em geral defasada no tempo). Além disso, temos os outros dois vetores, a comunicação grupal (de um para muitos, de muitos para um ou de muitos para muitos) e a comunicação bilateral (de um para um).

O gráfico 1 representa o contínuo entre os gêneros de uma certa escrita (cartas informais) até a fala espontânea nas conversações dialógicas. Há um movimento do relativamente formal, pois as cartas podem receber vários estilos quanto a esse aspecto, até o bastante informal. E igualmente do mais distanciado (comunicação assíncrona) até a comunicação em tempo real, face a face. Por outro lado, pode-se ir desde a comunicação em grupo até a bilateral. Quanto a este aspecto, note-se que uma carta pode ter várias formas (desde uma carta pessoal de um para um até uma carta circular de um para muitos).

Os gráficos 1 e 2 trazem uma relação que tenta eliminar a visão dicotômica e ao mesmo tempo mostra que há uma certa diferença entre o ambiente sonoro / impresso e o meio digital.

GRÁFICO 1: O CONTÍNUO DE GÊNEROS NA COMUNICAÇÃO TRADICIONAL IMPRESSA E FALADA

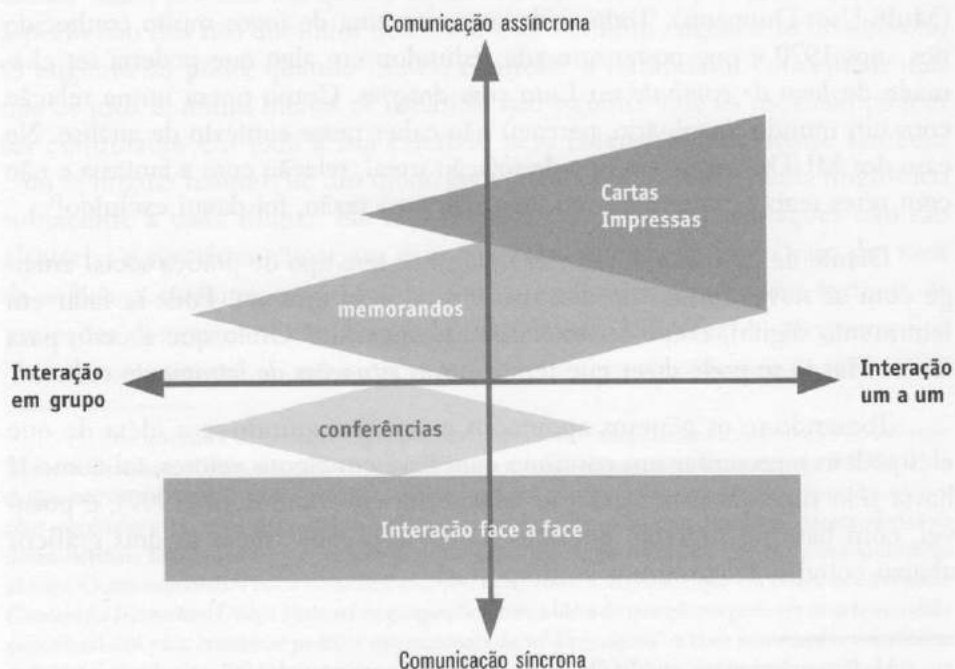
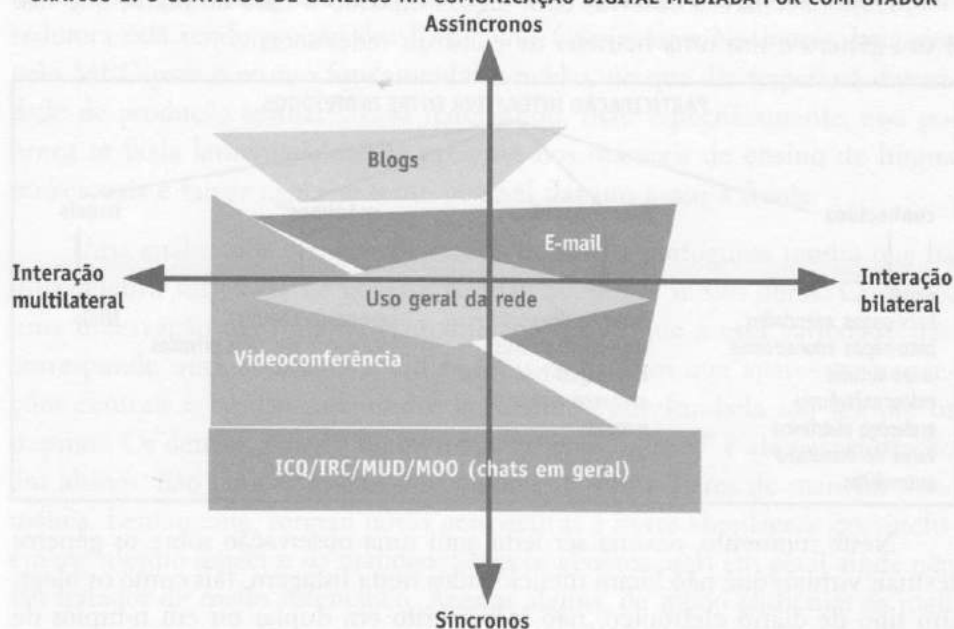


GRÁFICO 2: O CONTÍNUO DE GÊNEROS NA COMUNICAÇÃO DIGITAL MEDIADA POR COMPUTADOR



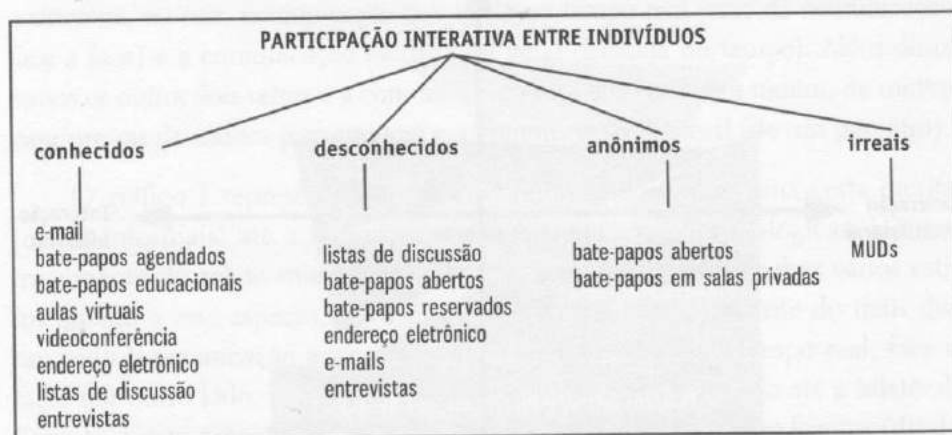
FONTE: Simeon J. YATES (2000: 237)

O gráfico 2 traz os mesmos vetores acima, mas desta vez aplicando-os à comunicação digital. Neste caso, o que se observa é que os *e-mails* são uma comunicação de fato assíncrona, mas podem ser tanto grupais como individuais, tendo uma preferência pela realização interindividual. Já a videoconferência distingue-se quanto a isso. Por outro lado, o uso da rede (www) em todas as suas modalidades e gêneros abrangidos, está num entrecruzamento que permite enorme variedade de realizações em termos de formalidade, informalidade, relações comunicativas e produção síncrona ou não. Mas os *bate-papos virtuais* ocupam a base que, em certo sentido, corresponde à situação da comunicação face a face, com as diversas possibilidades apontadas em relação a serem comunicações grupais ou interindividuais.

A distribuição dos gêneros por esse contínuo poderia ser feita num quadro multidimensional, tomando os parâmetros trazidos no quadro acima e considerando os onze gêneros tratados. Veríamos que há uma ordem muito clara entre eles e sua distribuição se dá de forma não aleatória e sua produção obedece a critérios bastante rigorosos. Gaston Hilgert (2000) já mostrava essa questão com muita precisão ao identificar “o contínuo em que se distribuem os gêneros de textos escritos” (2000: 52) correlacionando-os dentro do ambiente digital.

Observação interessante no contexto do discurso virtual é a construção das identidades sociais numa espécie de contínuo. Podemos dizer que ali se dão interações entre indivíduos no seguinte leque geral, considerando apenas a natureza das relações entre os participantes e os gêneros aqui vistos.

Hoje deveríamos observar com algum cuidado o caso do orkut, que não é um gênero e sim uma maneira de construir redes sociais.



Neste momento, deveria ser feita aqui uma observação sobre os gêneros textuais virtuais que não foram mencionados nesta listagem, tais como os blogs, um tipo de diário eletrônico, não raro escrito em duplas ou em n-tuplos de participantes que colaboram para construir um texto sempre em evolução.

2.14 A questão dos gêneros e o ensino de língua

Diante da multiplicidade de gêneros existentes e diante da necessidade de escolha, pergunta-se: será que existe algum gênero ideal para tratamento em sala de aula? Ou será que existem gêneros que são mais importantes que outros? Esta questão será enfocada no momento em que nos dedicarmos a analisar e sugerir seqüências didáticas, mas desde logo deve ficar claro que não há uma resposta consensual. Os próprios PCNs têm grande dificuldade quando chegam a este ponto e parece que há gêneros mais adequados para a produção e outros mais adequados para a leitura, pois tudo indica que em certos casos somos confrontados apenas com um consumo receptivo e em outros casos temos que produzir os textos. Assim, um bilhete, uma carta pessoal e uma listagem são importantes para todos os cidadãos, mas uma notícia de jornal, uma reportagem e um editorial são gêneros menos praticados pelos indivíduos, mas lidos por todos.

Questões deste tipo devem ser por nós enfrentadas na hora de decidir o trabalho efetivo e nos voltaremos a elas adiante. Mas vejamos aqui algumas características de alguns gêneros e como eles se organizam.

A investigação até aqui trazida é de interesse para os que trabalham e militam na área do ensino de língua de modo geral, seja de língua materna ou